Documentos Comprovam

Apoio da Igreja Adventista do Sétimo Dia a Hitler Durante a 2ª Guerra Mundial

"Em silenciosa adoração, agradecemos a Deus que, em Sua sábia providência deu o *Fuehrer* ao nosso povo."

Quando Hitler chegou ao poder em 1933, ordenou um rearmamento em larga escala e passou a executar seus planos de conquista. A doutrina nazista exigia que a Alemanha mais uma vez se tornasse uma grande potência militar. Isto tornou evidente que a Segunda Guerra Mundial não estava muito distante.

Após a Primeira Guerra Mundial, dizia-se que a a Igreja Adventista do Sétimo Dia não repetiria o erro cometido em 1914-1918. Contudo as evidências revelaram, para o nosso grande desapontamento, que ainda seguiam o mesmo modo de proceder. Finalmente, irrompe outra guerra mundial, e nossos irmãos adventistas tiveram nova oportunidade de provar que se colocavam ou a favor ou contra a lei de Deus. Se realmente lamentassem o que fizeram durante e após a Primeira Guerra Mundial, tiveram agora excelente oportunidade de se redimirem de sua passada falta. As declarações abaixo citadas, de seus próprios escritos, mostrarão como eles agiram.

1. Na Alemanha

"Estamos agora em meio a uma tempestade de acontecimentos que abalam o mundo....

"Nunca devemos esperar que nos países deste mundo sejam realizados os princípios do reino de Deus. Eles têm suas próprias legislações, segundo a vontade de Deus. Se não fosse assim, a Escritura Sagrada não poderia falar das mesmas como sendo ordenadas por Deus. Por isso é que nos sujeitamos, não só voluntariamente, mas de bom grado, a cada serviço exigido de nós. Quem neste (serviço) perder sua vida bem poderá gloriar-se com as seguintes palavras: 'Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém sua vida pelos amigos'. (João *15:13).* Lembremo-nos dos nossos varões combatentes, e particularmente dos irmãos que arriscam suas vidas pela pátria e pelos que ficaram em seu lar! Oremos também pelo Fuehrer e seus colaboradores." *Der Adventbote* [Periódico adventista publicado na Alemanha] 1/10/1939.

"Enquanto nossos irmãos, pais e filhos, além das fronteiras se empenhavam na mais feroz batalha, afanando-se, de vitória em vitória, pela grandeza e futuro da pátria, sentimos a intervenção de Deus no mundo, nos acontecimentos testemunhados nestas poucas últimas semanas. Em silenciosa adoração, agradecemos a Deus que, em Sua sábia providência deu o *Fuehrer* ao nosso povo.

"Ao mesmo tempo não podemos como também não queremos permanecer calados. Isso provamos no passado e agora estamos novamente provando, porque é uma santa decisão pôr em ação a vontade de Deus. O orgulho que como compatriotas alemães sentimos nas grandes vitórias de nossos soldados, é para nós um novo incentivo para imitá-los na frente de batalha da pátria e mais conscienciosamente empregar nossa força para a vitória." *Was tun die Adventisten in der Wohlfahrtspflege?* [Relatório do Serviço Social Adventista de 1939, na Alemanha].

"Jamais esqueceremos o momento em que nos foi anunciada a entrada em vigor do armistício com a França. ...

"Recobramos a coragem, pusemo-nos a trabalhar e, como estávamos diante das necessidades, lutamos como nunca dantes. E Deus inverteu a balança do destino ao nosso favor.... A Alemanha crê nos sacrifícios que humanamente fizemos até os limites de nossa capacidade, e também crê num Deus que está abençoando nossa batalha humana. Este sentimento foi expresso em palavras alegres porém humildes, e se implantou em nossos corações ao ser cantado em santas melodias e à medida que ressoavam dos campanários. E permanecerá até a última etapa da batalha, que nos trará a vitória sobre o último adversário, e então teremos paz.

"Quão gloriosa é a hora da vitória! Nós, que uma vez fomos ignominiosamente enganados acerca da vitória e da paz justa, provamo-la agora, com calmo e profundo júbilo, todavia sem qualquer arrogância.... Isto não é mera fraseologia hipocritamente piedosa; é uma declaração feita com o sentido da responsabilidade perante Deus. ...

"Luta e sacrifício ainda serão necessários. Para quê? Ora, isto é suficientemente claro. Pensar na vitória significa pensar em tarefas ingentes. Um povo que não pôde ser intimidado por quaisquer inimigos armados ou ameaças, não se eximirá aos últimos esforços em direção ao alvo, nem a tarefas futuras, não importa quão grandes sejam. Fomos colocados neste mundo para lutar e trabalhar. ..." *Der Adventbote* [Periódico adventista publicado na Alemanha], 15 de julho de 1940.

"Como soldados de vanguarda, deixamos nossos lares e nossos negócios e aqui estamos para defender a pátria nestes postos mais avançados." *Der Adventbote* [Periódico adventista publicado na Alemanha], 1 de junho de 1941.

"Vivemos hoje em tempos momentosos e agitados, em que nosso destino jaz diante das mais graves decisões e pesadas tarefas. Estamos em meio a uma guerra terrível e total. Esta batalha está sendo sem dúvida travada direta e principalmente por nossos soldados no exterior, no *front,* mas como esta é a maior luta possível, a nação inteira nela toma parte. Todos os compatriotas alemães são no mesmo grau combatentes e por isso todos devem agir e lutar como soldados no pleno sentido da palavra. Devem ser bravos, cautelosos, abnegados, e demonstrar senso do dever, como se o resultado dependesse de cada um individualmente. Deste modo, a vitória está igualmente implantada no coração de cada um de nós. Qualquer que seja o posto em que estejamos, cumpre-nos provar, cada dia e cada hora, que somos guerreiros valentes, dignos de nossos heróicos irmãos do campo de batalha. Só um pensamento nos deve hoje dominar: Como posso ajudar a alcançar a vitória? Para este alvo devemos dirigir todas as nossas comissões e omissões, toda a nossa fala e nosso silêncio, todos os nossos desejos e exigências. Esta extensíssima guerra requer de todos os companheiros alemães os máximos e mais elevados esforços em todo um tempo de expectação, sofrimento, sacrifício e luta."
Gegenwarts-Fragen [Periódico adventista publicado na Alemanha], 7 de novembro de 1941. -- *A Mensagem de Deus ao Povo do Advento*, Estudo 11: "Objeção de Consciência ou Combatência", págs. 39-41, publicado pela Editora Missionária A Verdade Presente.

Apoio a Hitler: A Igreja Adventista em Péssima Companhia!

"A doutrina da reforma da saúde levou os Adventistas do Sétimo dia da Alemanha a endossar o regime nazista no verão de 1933. Ele se regozijavam com o fato de que a nação estava agora nas mãos de um homem "que recebe esse ofício das mãos de Deus e reconhece ser responsável diante dEle. Como um abstêmio, não-fumante e vegetariano, Hitler é a pessoa que mais se aproxima do ideal da reforma de saúde." Essa opção adventista pela temperança e o viver saudável equilibrou a balança das opiniões, embora sua aversão à carne de porco pudesse provocar suspeitas." - Robert N. Proctor, um veterano historiador de Ciências da Universidade Estadual da Pennsylvania. - Traduzido de http://www.nytimes.com/books/

A notícia da participação do Pastor Elizaphan Ntakirutimana na morte de centenas de irmãos no episódio que ficou conhecido como "o Massacre de Rwanda" não foi a primeira grave acusação de envolvimento adventista em crimes contra a humanidade. Um artigo recentemente publicado pela revista Liberty confirma o apoio denominacional a Hitler. Mas deixe-me contar como foi que cheguei até esse artigo...

1. Inicialmente me surpreendi com o final do parágrafo traduzido abaixo, onde se lê que os Adventistas do Sétimo Dia "estavam entre os mais ardorosos defensores do Nacional-Socialismo" de Hitler:

"Mentiras sobre o Nacional-Socialismo Alemão

"Uma overdose de maliciosa desonestidade é dirigida contra a Nova Ordem Européia de Hitler. Por exemplo, existe um esforço permanente para manipular cristãos com a idéia de que Hitler teria sido o azougue do Cristianismo. Na verdade, Adolf Hitler recebeu apoio explícito de clérigos cristãos, católicos e luteranos. Entre as pequenas seitas, os Adventistas do Sétimo Dia e as Novas Igrejas Apostólicas estavam entre os mais ardorosos defensores do Nacional-Socialismo, desde muito antes que Hitler chegasse ao poder." - Traduzido de http://www.natvan.com/free-speech/fs9612a.html.

2. Em seguida, em outra *homepage*, que descreve toda a História do comprometimento da liderança da Igreja Adventista com os governantes deste mundo, sejam eles de direita, centro ou esquerda, descobri que os que se uniram aos "reformistas", que desde a primeira grande guerra foram contrários à participação de adventistas em combates, tiveram muitas razões para se desligar da Igreja que apoiava Hitler!

"Entretanto, a posição oficial de que os soldados adventistas serviriam apenas como não-combatentes foi mais uma vez desconsiderada na Alemanha Nazista, onde um posicionamento prematuro e impensado da liderança adventista levou a maioria dos recrutas a optar imediata e voluntariamente pelas armas embora existisse o consenso de que poderiam escolher entre guerrear ou prestar serviços de socorro médico. Os adventistas alemães abandonaram suas características para expressar seu apoio incondicional ao regime, elogiando Hitler e seu Nacional-Socialismo com entusiasmo e até delatando os irmãos pacifistas às autoridades para que não fossem confundidos com eles. Desse modo, foram eliminadas as

tensões com o regime e sobreviveram intocados a despeito das muitas similaridades entre suas crenças e práticas com o Judaísmo. - Texto traduzido de http://shemesh.scholar.emory.edu

3. Mas a história toda, inclusive do presidente da Associação Alemã Oriental que obrigou os irmãos a saudarem a bandeira da suástica para não prejudicar a imagem da Iasd, é contada pela revista **Liberty**:

"No povoado adventista de Friedensau, o Estado parlamentar Nazista obteve 99,9% dos votos. Quando alguns adventistas se recusaram a saudar a bandeira suástica e usar a saudação de Hitler, o presidente da Associação Alemã Oriental, W. Mueller, argumentou que essa atitude não faria bem à imagem da igreja. Ele concluiu que 'sob nenhuma circunstância o adventista tem o direito de resistir ao governo, ainda que o governo o obrigue a contrariar sua fé.' A resistência seria inconveniente porque rotularia os adventistas como oponentes do novo Estado, uma situação que se deveria evitar." - Texto traduzido de http://www.libertymagazine.org/html/lngerman.html.

Convém ler todo o artigo, que pode ser encontrado no endereço acima. E é bom saber que a revista *Liberty* é editada pela Divisão Norte-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Não se trata, portanto, de uma acusação de terceiros. É uma confissão! Pena que não tenha sido seguida de arrependimento verdadeiro, uma vez que não temos notícia de que a Associação Geral tenha pedido perdão aos judeus, aos irmãos reformistas (cuja recusa em guerrear vinha desde a primeira guerra) e a toda a humanidade pela infeliz escolha feita pelo Presidente da Associação Alemã Oriental.

Resta ainda uma reflexão final. Quando surgir o Anticristo, último grande ditador que este mundo conhecerá, de que lado ficaremos? De que lado ficará a liderança da Igreja Adventista?

Robson Ramos

IASD: 100% a Favor de Hitler!

ESTRATAGEMA

Com uma luz tão gloriosa derramada em seu caminho, o Movimento da Reforma, que permaneceu firme aos antigos princípios estabelecidos, abriu caminho não apenas na Europa mas também em outras regiões. Como aumentou em membresia e influência, a liderança da grande Igreja Adventista do Sétimo Dia reuniu-se em Gland, Suíça, em 2 de janeiro de 1923, para debater sobre o problema da guerra e também para encontrar alguns meios para impedir o rápido crescimento do Movimento da Reforma. Como não encontraram meios de corrigir o problema que levou o surgimento do Movimento da Reforma, os líderes adventistas valeram-se de um estratagema. Em uma aparente confissão, condescenderam em dizer: "Na paz e na guerra, rejeitamos participar em atos de violência e derramamento de sangue."

A EXPRESSÃO DE FALSA LIBERDADE

Se tivessem deixado o assunto neste ponto, como uma declaração positiva, teria havido esperança de resolver o cisma na organização. Porém a atitude anterior persistia sob outra formulação: "Mas concedemos a cada um dos membros absoluta liberdade para servir ao seu país, em todos os momentos e em todos os lugares, **segundo os ditames da consciência de cada um."** – Gland, Suíça, 2 de janeiro de 1923 (ênfase nossa).

Isto, na nossa opinião, é o mesmo que dizer, não acreditamos na guerra, mas faça o que a sua consciência lhe disser! Novamente, são introduzidos os enganos traiçoeiros de uma liberdade de consciência que viola o dever e a obediência à lei de Deus. Esse estratagema trouxe ainda mais confusão, além de qualquer imaginação. Além disso, foi, para dizer o mínimo, uma admissão de que eles erraram quando enviaram os nossos irmãos para a guerra em 1914. Mas agora, em vez de confessarem este terrível engano àqueles que sofreram as conseqüências até mesmo ao ponto de serem excluídos da igreja, concordaram em um conselho particular sobre este nova posição enganosa. Esta declaração levou todas as marcas de uma falsa confissão provocada por causa dos resultados da apostasia deles. Os reformistas foram então forçados a rejeitar esta nova posição desde que ela não restaurava a posição fiel e legítima deles nem trazia o padrão bíblico.

NENHUMA MUDANÇA REALIZADA

Além de tudo isto, a nova posição não se realizou por meio de nenhum governo ou declaração como uma emenda às declarações anteriores, como é evidentemente revelada em uma resposta recebida em inquérito. Citamos o breve excerto a seguir de uma carta datada de 30 de dezembro de 1927, do Ministério das Forças Armadas em Berlim, Alemanha, endereçada ao Quartel-General da Escandinávia do Movimento da Reforma em Copenhaque, Dinamarca:

"Incluídos nos arquivos do Ministério das Forças Armadas está o manuscrito de 6 de agosto (não 4) de 1914, assinado por H. F. Schuberth. ... "Mudanças ou emendas ao manuscrito de 6 de agosto de 1914, **não foram aceitas**." (ênfase nossa). Ser-lhe-á mais claro o que isto significa depois.

Os jovens adventistas foram ainda convocados como soldados na ativa prontos para o combate; e o documento Gland que informava que rejeitavam "participar em atos de violência e derramamento de sangue", realmente não foi digno de crédito. Os nossos temores a este respeito foram justificadas como mostraremos a seguir.

PROVA NO. 2: DESENVOLVIMENTOS

Enquanto os países europeus estavam ainda resolvendo o encontro sangrento de 1914-1918, e ainda estavam sendo pressionados pelas indenizações exigidas pelo Tratado de Versalhes às vítimas, um político estava surgindo e levando vantagem da situação humilhante com o objetivo de atrair as nações para um outro conflito fatal. O "Furher", Adolfo Hitler, sob falsa pretensão e com um zelo nacional fanático, criou uma fantástica máquina militar com poder extraordinariamente fatal. Suas primeiras manobras arrojadas obtiveram sucesso reunindo a nação alemã ao seu redor em uma unidade satânica e cada vez mais as nações aliadas amargaram um cerco terrível. Neste entusiasmo selvagem, a religião foi esquecida e foi substituída pela idolatria nacionalista. "Heil Hitler!" tornou-se a saudação comum (De fato, "Salvação em Hitler").

PROSCRIÇÃO E ESQUECIMENTO

Este Movimento da Reforma foi logo colocado em risco. Nossa posição positiva contra a violência e o derramamento de sangue, além da observância do dia de descanso idêntico ao dia de descanso dos judeus, que foram adversários declarados de Hitler, naturalmente sofreu provações e perseguições. Não demorou muito até que os fatos começassem a ocorrer. O Movimento da Reforma foi declarado como inimigo do Estado e publicamente proscrito pelo edito de 28 de fevereiro de 1933, No. 1; e em 29 de abril de 1936, foi oficialmente proscrito e toda propriedade confiscada. Voltaremos ao assunto depois.

100% A FAVOR DE HITLER

Estudantes do ministério adventista em fila com uniforme nazista em frente do seminário Friedensau para serem passados em revista 16 de outubro de 1936.

O Adventobe (O Mensageiro Adventista), órgão oficial da Igreja Adventista Alemã, de 1 de janeiro de 1937, mostrava os estudantes do ministério Adventista em Friedensau alinhados em uniformes nazistas em frente ao seminário enquanto oficiais do governo os inspecionavam. Foi declarado: "Friedensau pertence àquelas comunidades que têm votado 100 % favorável ao Fuhrer." Um ex-presidente da Conferência Geral (o pastor C.H.Watson – 1931) até mesmo respondeu uma pergunta ao dizer: "Podemos louvar a Deus por temos o governo atual. Hitler recebeu o seu poder de Deus."

Temos toda uma série de declarações das publicações oficiais dos Adventistas do Sétimo Dia que revelam que os líderes da Igreja Adventista elogiaram Hitler como uma dádiva dos céus. Embora estes líderes estivessem um tanto sob pressão no princípio, uma enfermeira adventista (Hulda Jost), que conhecia Hitler pessoalmente, intercedeu por eles.

C.H.Watson

Como conseqüência, as igrejas permaneceram abertas em uma base de acordo; mas isto foi raramente mantido. A

Igreja Adventista uniu-se pela Segunda vez com "os reis da terra"em total apostasia, lutando e morrendo a favor de Hitler e seus guerreiros.

Declarações em documentos adventistas, tais como esta a seguir, demonstram a triste tendência: "Estamos agora no meio de um tumulto de eventos de mudanças de amplidão mundial. Uma grande época deve encontrar um grande homem ... Portanto, não somente nos submetemos de boa vontade mas também com muito prazer realizaremos cada trabalho requerido. Para aqueles que perderam suas vidas nesta realização podemos citar as palavras de Jesus: 'Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.' (João 15: 13). Lembremo-nos de todos os homens que lutam e especialmente nossos irmãos, que estão preparados para arriscar as suas próprias vidas pela terra natal e por aqueles que são deixados para trás. Vamos também orar a favor do Fuher e seus associados." – Adventobe, 1 de outubro de 1939.

O Espírito de Profecia previu que a liderança manifestaria os sentimentos acima:

"Há uma perspectiva diante de nós de um conflito continuado, risco de encarceramento, perda de propriedade, e até mesmo da própria vida, para defender a lei de Deus, que é anulada pelas leis dos homens. Nesta situação de política mundial exige-se uma condescendência exterior com as leis da terra, a favor da causa da paz e da harmonia, e há alguns que até mesmo citam o conselho da Escritura: 'Todos devem sujeitar-se às autoridades governamentais, pois não há autoridade que não venha de Deus; as autoridades que existem foram por ele estabelecidas.'" – *Testimonies*, vol. 5,p.712.

Isto foi o que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto a irmã White previra o que aconteceria depois: "um pouco tempo de paz":

"Uma vez mais os habitantes da terra foram apresentados diante de mim; e novamente tudo estava na mais extrema confusão. Lutas, guerra, e matança, com fome e pestilência, assolação em toda parte." – *Testimonies*, Vol. 1, p. 268.

A ESCOLHA DO POVO DE DEUS

Lembremos a clara declaração em Testimonies, Vol. 9, p. 17, que declara:

"Provas e provações assustadoras aguardam o povo de Deus. O espírito da guerra está agitando as nações de uma parte a outra da terra. Contudo no meio da hora da tribulação que vem - um tempo de tribulação como nunca houve desde que há nação – **o povo escolhido de Deu suportará a prova."** (ênfase nossa).

O fato que permanece é este: nas duas provas e tribulações rigorosas a nominal Igreja Adventista do Sétimo Dia falhou completamente. Apostataram. Contudo, desde que foi dito: " O povo escolhido de Deus suportará a prova," é óbvio que haveria um remanescente que "SUPORTARÁ A PROVA". São chamados "O povo escolhido de Deus", indicando que Deus os tem escolhido, o Remanescente escolhidos da grande apostasia, para serem seu povo. A esta escolha o profeta Oséias apontou ao dizer: "... tratarei com amor aquela que chamei Não amada. Direi àquele chamado Não-meu-povo: Você é meu povo; e ele dirá: 'Tu és o meu Deus'" **Oséias 2:23.**

PERMANECERÃO IRREMOVÍVEIS

Voltemos agora mais uma vez para o grupo minoritário de membros fiéis, proscritos e esquecidos pelo decreto nacional. Qual o preço que pagaram? Entraram para a história manchados pelo sangue dos mártires que enfrentaram a prisão, tortura e até mesmo a morte, em vez de desonrarem o seu Deus e a sua santa lei. Sim, muitos foram lançados em prisão e um grande número selaram suas convicções com o seu próprio sangue. Escreva-nos para receber o livro *And Follow Their Faifh!* (E Seguiram a Sua Fé!) descrevendo suas experiências. Provaram-se "fiéis até a morte", e há uma coroa da vitória esperando por eles. Louvemos ao Senhor por estes firmes defensores da verdade neste Movimento da Reforma. Na verdade, foram verdadeiros na sua fé. Estes são exemplos dignos para seguirmos no último teste da lei dominical, que surge agora diante do povo de Deus. Provar-nos-emos fiéis, querido estudante? Que Deus nos conceda esta bênção!

A CORREÇÃO DE UMA FALSA EXPECTATIVA

Um enorme problema permanece sem resposta. Você pode perguntar: "Você intenciona abalar a nossa confiança nos irmãos líderes do adventismo com estas lições?

Você pode relembrar que na Lição 4 enumeramos muitos apelos a favor de uma reforma. Portanto uma reforma era obviamente adequada. Mas ela começaria com a liderança, a qual estamos propensos a observar? Ouça o conselho divino:

"O Senhor freqüentemente opera onde menos pensamos; Ele nos surpreende pela revelação do Seu poder por meio de instrumentos de sua própria escolha, enquanto Ele passa pelos homens a quem temos considerado como aqueles por meio de quem a luz viria. Deus anela que recebamos a verdade através dos seus próprios méritos. – porque ela é a verdade ...

"Aqueles que não têm o hábito de pesquisarem as Escrituras por si mesmos, ou de verificarem as evidências, têm confiado na liderança dos homens, e aceitam as decisões promulgadas por eles; e assim muitos rejeitarão as verdadeiras mensagens enviadas por Deus ao seu povo, se esta liderança não as aceitarem. " - *Testimonies to Ministers*, pp. 106, 107.

Isto está em perfeita harmonia com a forte expressão anterior usada por Jeremias em **Jer. 17:5:** "Assim diz o SENHOR: Maldito é o homem que confia nos homens, que faz da humanidade mortal a sua força, mas cujo coração se afasta do SENHOR."

"Aqueles aos quais é pregada a mensagem da verdade, raras vezes perguntam se ela é verdadeira, mas sim: 'Por quem é ela defendida?' Multidões a avaliam pelo número dos que a aceitam; e faz-se ainda a pergunta: 'Creu qualquer dos homens eruditos ou dos guias religiosos?' Os homens não são hoje em dia mais favoráveis à verdadeira piedade , do que nos dias de Cristo." – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 459.

Não, não desejamos enfraquecer a sua confiança na verdadeira liderança. Foi o grande Presidente Abraão Lincoln que disse: "Não sou um homem obrigado a vencer, mas sou obrigado a ser verdadeiro. Não sou obrigado a ser bem sucedido, mas sou obrigado a viver de acordo com a luz que possuo. Devo permanecer com alguém que é correto, e permanecer com ele enquanto estiver correto, e separar dele quando se desviar." Possa estas palavras serem também a filosofia de nossa vida.

CONSEQÜÊNCIAS DA LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

“Respeitamos a Lei de Deus contida no decálogo como explicada nos ensinos de Cristo e exemplificada pela sua vida. Por esta razão observamos o dia de descanso do sétimo dia (Sábado) como tempo sagrado; nos abstemos do trabalho secular neste dia, mas empenhamo-nos alegremente em obras de necessidade e piedade a favor da assistência aos que sofrem e a elevação moral da humanidade; na paz e na guerra rejeitamos participar em atos de violência. Concedemos a cada membro de nossa igreja absoluta liberdade para servir ao seu país, todas as vezes e em todos os lugares, segundo os ditames da consciência de cada um.” - Gland, Suíça, 2 de janeiro de 1923.

Membro da Comissão Executiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Yuguslávia 1925

ROMÊNIA 1924

“O serviço militar e a participação na guerra não estão fazendo uma aliança com o mundo, nem defendendo a Babilônia. A participação na guerra é simplesmente um dever; com respeito à guerra os nossos jovens também cumprirão o dever deles no dia de descanso.” - *Prophecy*, por P.P.Paulini, p.39.

YUGUSLÁVIA 1925

“O ensino da Escritura que diz: ‘Dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus’ corresponde aos adventistas em todo sentido. Atendem conscienciosamente ao tempo do serviço militar que é requerido deles, com armas nas mãos, na paz assim como na guerra; e um número significante de adventistas foram provados na Guerra Mundial por meio de sua coragem, e muitos trazem no peito uma medalha do mais alto reconhecimento em razão da sua bravura.” – Adventizam, p.53.

RÚSSIA 1924 e 1928

“Estamos convencidos que Deus por meio da sua providência, guiou o coração de nosso inesquecível W.J.Lenin, e deu-lhe e também aos seus companehiros sabedoria para trazer as únicas e oportunas declarações para o mundo hoje. Por esta razão os Adventistas do Sétimo Dia querem ser os melhores cidadãos na crença na República Socialista Federal. A doutrina dos Adventistas do Sétimo Dia permite aos seus membros a liberdade de consciência com respeito ao dever militar, e não tenta ditar-lhes como eles devem agir , considerando que cada pessoa deve ser responsável por si mesmo com respeito ao problema militar, de acordo com a sua própria consciência.” - Presidente H.J.Loebsack, Comitê da Conferência.

“O sexto congresso dos Adventistas do Sétimo Dia, em 1928, declara e decide que os Adventistas do Sétimo Dia são obrigados a dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, a saber, servir o estado pelo exército em todas as formas de serviço, de acordo com a lei estabelecida para todos os cidadãos.” – Resolução tomada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia da Rússia, Moscou, 19 de maio de 1928.

AQUI ESTÃO ALGUNS EXCERTOS DO LIVRO:

Página 18: "Nosso irmão ancião em Cristo, Otto Welp, que na Primeira Guerra Mundial sofreu quatro anos de perseguição pela sua fé, foi um dos primeiros líderes a dar um claro testemunho que não poderia participar na política, no serviço militar de forma direta ou indireta, devido ao ensino de Cristo vedando isto e os crentes foram instruídos a permanecerem afastados. Por toda parte, especialmente os irmãos dirigentes do Movimento da Reforma deram o mesmo testemunho tanto por meio da palavra quanto da escrita. Consequentemente, já em 29 de abril de 1936, o Movimento da Reforma do Sétimo Dia foi proscrito. Reproduzimos a carta do Ancião (do Comando da Polícia para a Política), que lemos como segue: ..."

Página 27: "Em 1941, Guenter Pietz, que já mencionamos anteriormente, foi levado para o Campo de Auschiwitz devido à sua recusa de trabalhar no dia de descanso. Após seis semanas foi solto por um breve tempo. Seus pais, irmãos e irmãs não o reconheceram; todos gritaram quando viram o jovem magro. Por quase um ano pode alegrar-se na liberdade, contudo foi alistado para o serviço de mão-de-obra, onde permaneceu durante três semanas. Durante este tempo, visitou os crentes, fortalecendo-se, e regozijava-se com eles na verdade. Então recebeu a convocação para o serviço militar e foi levado para Halle, onde encontrou o irmão Pacha, seu bom amigo e companheiro cristão. Ambos começaram a combater e recusar o serviço militar. No comando de Himmler, os dois foram fuzilados no mesmo dia por causa da resistência fiel deles. Ambos foram bons amigos na vida e na morte, e ambos permaneceram firmes na confissão de fé."

Página 53: "Os campos de concentração foram um mundo sem Deus – ainda mais, um mundo contrário a Deus. Nenhum tipo de atividade religiosa por parte dos residentes foi permitida; todo artigo religioso foi proibido; até mesmo toda oração murmurada foi proibida. Nem mesmo aos que agonizavam foi concedido este alívio. Todos os assuntos religiosos eram zombados e escarnecidos.

"Com respeito aos internos, a SS (Schutzstaffel) não sentia nenhuma restrição a nenhum dos mandamentos de Deus, nem mesmo o código natural de ética que Deus pôs no coração de todo ser humano, até mesmo nos corações dos pagãos." -- Estudo da Reforma, Curso por Correspondência, Lição 14, "Uma Falsa Confissão". Tradução: Benedito Tenório.

Fonte: http://ims.truepath.com/reform/refles14.html

Os Adventistas na Alemanha Nazista (Tradução)

A Igreja Silenciosa, os Direitos humanos e a Ética Social Adventista

Zdravko Plantak

St. Martins's Press, Inc., New York, N.Y., 1998. [Texto extraído das págs. 17-21]

Os Adventistas na Alemanha

Os Adventistas alemães parecem ter sido incoerentes com sua proclamação de liberdade religiosa por ocasião da I Guerra Mundial, entre as duas guerras, e durante a II Guerra Mundial. Na Alemanha imperial, a maioria dos Adventistas adotaram um nacionalismo extremado e a colaboração militar ativa. Um autor Adventista argumentava em dezembro de 1915 que 'a Bíblia ensina, primeiro, que participar da guerra não se opõe ao sexto mandamento; e segundo, que combater no sábado não transgride o quarto mandamento.' Entretanto, depois da guerra, em uma reunião da Divisão Européia em Gland, Suíça, em 2 de janeiro de 1923, os dirigentes da igreja na Alemanha reconheceram o equívoco de sua política, e confessaram sua lealdade à comunidade Adventista mundial.

Esta declaração, no entanto, foi enfraquecida por um pronunciamento adicional que reconhecia que cada membro possuía 'absoluta liberdade para servir a seu país, em todo momento e em todo lugar, de acordo com os ditames de sua convicção e consciência pessoal.' Essa declaração permitiu aos adventistas alemães repetir o engano da I Guerra mundial durante o regime de Hitler sob o Terceiro Reich.

Como observou corretamente Erwin Sicher em 'As Publicações Adventistas do Sétimo Dia e a Tentação Nazista,' os Adventistas falharam em numerosas maneiras em relação ao regime nazista. Já em 1928, antes de que Hitler chegasse ao poder, os adventistas estavam pedindo um *Führer* forte. Artigo após artigo tratava desse ideal do *Führer* em escritos alemães e em publicações Adventistas.

Mais tarde, os escritores Adventistas deram as boas-vindas, em suas publicações e também com seu voto, ao aparente renascimento da Alemanha. No povoado adventista de Friedensau, 99,9% tinham votado pelo estado parlamentar nazista. Quando alguns adventistas recusaram-se a saudar a bandeira com a suástica e fazer a saudação hitleriana, o Presidente da Associação da Alemanha Oriental, W. Mueller, argumentou que isso era mau para a imagem da igreja. Terminou dizendo que 'sob nenhuma circunstância têm os adventistas direito a resistir ao governo, ainda que o governo os impeça de exercer sua fé. A resistência poderia ser inoportuna porque marcaria os Adventistas como opositores ao novo estado, uma situação que se deveria evitar.

Outro proeminente escritor adventista e editor de várias publicações religiosas Adventistas, Kurt Sinz, via o forte comando de Hitler no começo do regime nacional-socialista como designado por Deus. Otto Bronzio foi um passo mais à frente, pois disse no periódico oficial adventista, *Der Adventbote*, que 'a Revolução Nacional Socialista era a maior de todos os tempos, porque fazia da preservação de

uma herança pura a base de sua vida étnica.' Alguns sugerem que o que ele quis dizer possivelmente foi tirado de uma citação destacada dee Hitler - sobre a questão do sangue - que aparecia na mesma página.

Esta idéia de uma 'herança pura,' instigada por Hitler e proclamada através da nação alemã, também afligia os adventistas alemães. Embora o racismo explícito raramente aparecesse em publicações adventistas, os adventistas imprimiam com freqüência comentários negativos com relação aos judeus, apoiavam tacitamente a esterilização dos mentalmente incapazes, e muitos foram apanhados pelo estimulado orgulho do nacionalismo alemão.

A mesma doutrina da superioridade da Alemanha sobre outras nações foi transferida à educação Adventista na Alemanha, onde se estimulava os estudantes a aprender a ter vontade e a pensar em Alemão. Ter vontade em alemão era um conceito místico nazista; porque, no pensamento do Partido, os alemães 'tinham vontade' de diferente maneira que quaisquer outros cidadãos. O educador W. Eberhardt insistia, além disso, que as escolas Adventistas alimentavam 'o Espírito Nacional Socialista' entre períodos de classes, quando revisavam as notícias, estudavam os ideais nazistas, e cantavam canções nacionais alemãs.

Com uma crescente pressão para uma maior colaboração, muitos adventistas de todos os grupos de idades ingressaram em organizações nazistas, como a Juventude Hitleriana, a BDM (Associação de Moças Alemãs), o Serviço Trabalhista, e a Cruz Vermelha alemã. Todos estes clubes estavam desenhados para fins de doutrinação nazista, e embora os Adventistas soubessem que um percentual significativo dos participantes no Serviço Trabalhista eram membros da SA, SS, e Stanhelm, os grupos mais fanáticos que doutrinavam e militarizavam aos jovens, aprovavam a participação nos clubes.

Johannes Langholf apoiava fortemente ao Serviço Trabalhista. Ele escreveu no *Aller Diener*, "Esperamos que cada membro obedeça o mandamento divino, 'orar e trabalhar'. Seria absolutamente contrário à nossa compreensão se nos recusássemos a participar do Serviço Trabalhista." Patt sugeria que a razão principal para que os Adventistas ingressassem na Frente Trabalhista Nazista era o desemprego e as dificuldades econômicas, e que "a maioria dos operários adventistas sucumbia à pressão e se convertiam em membros do serviço trabalhista para salvar a suas famílias." Entretanto, ingressar em uma organização partidária não era obrigatório, e alguns ingressavam no Partido também.

Na Alemanha, os adventistas apoiaram a política externa nazista e, finalmente, a guerra. A possível falta de acesso a informação confiável e, como resultado, um conceito errôneo da verdadeira situação, levou-lhes a acreditar que o *Führer* era "um homem de paz". Quando a Áustria foi incorporada ao Reich, os adventistas alemães "compartilharam a felicidade da volta dos austríacos de volta à mãe pátria". Acreditavam que com a ajuda de Deus e "através da assistência divina ao nosso capaz *Führer,* Adolf Hitler se tornou o libertador da Áustria." Mesmo depois da liquidação da Checoslováquia em 16 de março de 1939, os Adventistas ainda não fizeram objeção. E até para esse ato de crueldade e opressão, encontraram alguma justificação.

Então veio o ataque contra Polônia, que toda a Europa reconheceu como um ato de agressão. Entretanto, em um editorial, Sinz pôde escrever que, em vista das "desumanas torturas que nossos camaradas do povo sofreram entre este povo estrangeiro," o ataque alemão foi provavelmente justificado. Os Adventistas continuaram apoiando ao Hitler, e celebraram seu qüinquagésimo aniversário 11 dias depois de que a guerra tinha avançado para o Oeste com a invasão da

Dinamarca e Noruega pela Alemanha em 9 de abril de 1940. O periódico Adventista *Morning Watch Calendar,* embora impresso quatro meses antes, dizia:

"A confiança em seu povo deu ao Führer a força necessária para levar adiante a luta pela liberdade e a honra na Alemanha. A inabalável fé de Adolf Hitler lhe permitiu fazer grandes proezas, que lhe adornam hoje diante de todo mundo. Desinteressada e fielmente, lutou por seu povo; valorosa e orgulhosamente, defendeu a honra de sua nação. Com humildade cristã, em momentos importantes quando podia celebrar com seu povo, deu honra a Deus no céu e reconheceu sua dependência das bênçãos de Deus. Esta humildade o tem feito grande, e esta grandeza foi a fonte de sua bênção, da qual sempre deu para seu povo. Só uns poucos estadistas brilham tanto ao sol de uma vida abençoada, e são tão elogiados por seu próprio povo como o *Führer*. Ele sacrificou muito nos anos de seus esforços, e pensou pouco em si mesmo durante a difícil obra em favor de seu povo. Comparamos as inumeráveis palavras que ele disse ao povo como vindas de um coração cálido, como sementes que amadureceram e agora produzem frutos maravilhosos".

É irônico que, embora os adventistas insistam sobre a liberdade religiosa, não levantaram suas vozes contra a perseguição de incontáveis judeus. Em vez disso, até excluíram de suas igrejas os que tinham antecedentes judeus. No período em que os adventistas alemães publicavam a revista sobre liberdade religiosa *Kirche und Staat* (um observador de fora notou que seu propósito principal era a oposição às leis dominicais), guardaram silêncio a respeito das purgações (eliminações) de 1933 quando centenas foram assassinadas, e não disseram nada contra a perseguição dos judeus ou a respeito dos territórios ocupados.

Embora alguns adventistas individuais aparentemente resistiram à tentação nazista, Sicher mostrou, a partir de publicações contemporâneas, que 'não parece ter existido nenhuma oposição oficial ativa ao desumano regime nazista, e nem sequer parece ter existido entre os próprios adventistas.' O comentário do Sicher é uma apresentação desafortunada, mas honesta do Adventismo alemão na primeira metade do século vinte.

Fonte: http://www.libertymagazine.org/html/lngerman.html em 06/03/2001.

Em espanhol:
http://www.geocities.com/alfil2_1999/ASDs_en_Alemania_Nazi.html.

O Que Aconteceu com os Adventistas que Disseram NÃO a Hitler - 1

Para nossa vergonha como adventistas do sétimo-dia, apenas os irmãos do Movimento da Reforma estão historicamente autorizados a contar o que aconteceu aos heróis da fé durante a 2ª Guerra Mundial. Veja:

Perseguição sob o regime totalitário

Sob o governo nazista na Alemanha, a liberdade religiosa foi pouco a pouco suprimida. O Movimento de Reforma logo seria proibido. Nossos irmãos, principalmente os obreiros, seriam declarados fora da lei. As propriedades seriam confiscadas pelo Estado. Por isso, enquanto ainda havia oportunidade, em 1935, as propriedades da União Alemã foram vendidas. A casa da missão em Isernhagen, perto de Hannover, e a gráfica, que havia sido nosso principal centro missionário, tiveram de ser entregues a estranhos por baixo preço.

Equipamentos, móveis, arquivos e livros foram transferidos para uma casa alugada na vizinhança do antigo local da igreja. Ali os irmãos conseguiram trabalhar por apenas breve espaço de tempo. Vindo o esperado decreto da proibição, a polícia confiscou tudo o que encontrou na casa e lacrou as portas. Entretanto, recursos financeiros, documentos e literatura da União já haviam sido postos em segurança.

Por meio de uma ordem de 29 de abril de 1936, nossa igreja foi proibida de funcionar na Alemanha:

"Em base do decreto de 28/2/1933, parágrafo primeiro, assinado pelo presidente da República, para a proteção do povo e do Estado (Jornal da Lei Federal 1, pág. 83), a seita chamada 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma' está dissolvida e é proibida em todo o Território Federal. Suas propriedades deverão ser confiscadas. Qualquer infração deste decreto será punida de acordo com o parágrafo quarto do decreto de 28/2/1933.

[210]

"Razões:

"Sob o disfarce de promoverem atividades religiosas, os 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma' desejam alcançar objetivos que conflitam com a ideologia do Socialismo Nacional [nazismo]. Os seguidores dessa seita recusam-se a prestar serviço militar e a fazer a continência alemã. Declaram publicamente que não têm pátria, porque são de mentalidade internacional, e consideram todos os seres humanos irmãos. Visto que a atitude da seita tende a causar confusão, sua

dissolução é necessária para proteção do povo e do Estado. Assinado por R. Heydrich."

Em 12 de maio de 1936, nossa União Alemã foi declarada "dissolvida" pela polícia secreta (Gestapo).

Depois de conselho mútuo, os líderes dos ASD Movimento de Reforma resolveram entregar uma petição escrita às autoridades solicitando audiência. No segundo encontro, no gabinete de Heydrich, nossos três irmãos ouviram que toda a questão dependia de nós. Perguntaram a respeito da nossa posição com referência ao serviço militar e à saudação alemã. Nossos irmãos responderam:

— Precisamos recusar saudação que envolva confissão política.

E quanto a matar, disseram:

— Seguimos as palavras de Cristo em Mateus 5:44: "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem."

Heydrich replicou:

— Então vos recusais por todos os meios a prestar serviço militar.

Nossos irmãos responderam:

— Atemo-nos à Palavra de Deus e devemos rejeitar as exigências que se chocam contra ela.

Nossos irmãos renovaram a petição e tiveram resposta em 12 de agosto de 1936:

"A exposição contida em vosso escrito de 27 de julho de 1936 não me dá razão para suspender a proibição da seita 'Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma'. Assinado R. Heydrich."

Sob o regime de Hitler todas as nossas atividades religiosas foram proibidas. Nossos jovens foram submetidos a severas provas quando chamados a portar armas, pois não havia previsão para proteger objetores de consciência. Os pais tinham de enfrentar problemas relacionados ao Sábado com os filhos em idade escolar. [211] Era provação sobre provação. Por dez anos, até o fim da Segunda Guerra Mundial, nossos irmãos trabalharam clandestinamente. Durante esse terrível tempo de angústia, muitos de nossos irmãos tiveram de enfrentar prisão e até morte.

A provação veio também sobre a Igreja ASD, porém eles encontraram solução fácil que nosso povo não pôde endossar. ...

Nesse ponto, a luz por nós recebida através Espírito de Profecia diz:

"Nossos irmãos não podem esperar a aprovação de Deus enquanto põem seus filhos onde lhes seja impossível obedecer ao quarto mandamento. Devem esforçar-se para fazer com as autoridades arranjos pelos quais as crianças sejam dispensadas das aulas no sétimo dia. Falhando isso, é evidente o seu dever — obedecer aos mandamentos de Deus, custe o que custar." —*Historical Sketches of*

the Foreign Missions of the SDA (Esboços Históricos das Missões Estrangeiras dos Adventistas do Sétimo Dia), pág. 216.

Quando a opressão religiosa na Alemanha alcançou o clímax, Deus interveio em favor de Seu povo. Após quase dez anos de proscrição e perseguição, nossos irmãos alemães ficaram gratos a Deus pelo fim da oposição em 1945 e pelo fato de poderem de novo respirar livremente e reunir-se em paz. Suas primeiras reuniões distritais, após a Segunda Guerra Mundial, foram realizadas em Solingen (14-15 de setembro de 1945) e em Esslingen (26-28 de outubro de 1945).

No periódico *Der Adventruf* (O Chamado do Advento) de dezembro de 1946, primeira edição, relataram:

[213]

"Durante a guerra as experiências dos irmãos, de acordo com os seus testemunhos, mostram que o Senhor guiou Seu povo de maneira maravilhosa através de tempos trabalhosos. Tribulação, encarceramento e perseguição aproximaram os irmãos ainda mais uns dos outros. Louvamos nosso Senhor e Salvador por esse grande auxílio. ...

"Dez anos de opressão e perseguição ficaram para trás. O Senhor não consentiu em que Seu povo fosse aniquilado. ... Muitos irmãos perderam a vida por causa de sua fé: irmãos Hanselmann, Schmidt, Zrenner, Brugger, Blasi e muitos outros dos quais não fomos informados. Sabemos apenas que permaneceram fiéis até a morte. Muitos, irmãos e irmãs, jovens e velhos, tiveram de sofrer em campos de concentração, prisões e penitenciárias, onde padeceram torturas em mãos de carrascos."

Que terrível dia será aquele em que os homens forem chamados a prestar contas do sangue inocente que derramaram! -- Copiado do livro *A História dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma,* págs. 209-213.

Narraremos a seguir algumas experiências individuais que mostram quanto nossos irmãos reformistas tiveram de sofrer, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial:

Irmã "fraca na fé" delata missionários disfarçados

Gheorghe Panaitescu

O irmão Panaitescu trabalhava na Alemanha quando Hitler subiu ao poder em 1933. Contou-nos o que aconteceu a ele e a outros, de 1933 a 1939, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

Sendo obreiro bíblico, era seu dever visitar nossas igrejas, grupos e membros isolados, com o presidente do Campo Setentrional, irmão Joseph Adamczak. Oficialmente não podiam ser missionários. Por isso viajavam como representantes de uma casa de sementes, vendendo também mudas de árvores frutíferas, hortaliças, flores, etc. Não conseguiram, porém, trabalhar por muito tempo dessa forma, pois foram delatados. Tiveram problemas sérios com as autoridades quando estas descobriram que o real propósito das viagens deles era fazer trabalho missionário em favor da igreja proscrita.

Embora nossos cultos fossem proibidos, os irmãos, de duas ou três famílias, reuniam-se aos Sábados em casas particulares. Certo Sábado tiveram excepcionalmente uma reunião maior. Quase 35 membros se congregaram na casa do irmão Adamczak, em Hannover, para celebrar a Ceia do Senhor e receber na comunhão um irmão recém-batizado. Tiveram naquele dia uma experiência que nos lembra a de Paulo, muitas vezes em perigo entre falsos irmãos.

Foram delatados por uma irmã "fraca" na fé. Em resultado, todos os [214] que se encontravam na reunião — dois ministros, o tesoureiro da União, vários obreiros, colportores e leigos — foram intimados a comparecer em juízo, em 9 de janeiro de 1937. Todos foram julgados e condenados à prisão: os ministros e o tesoureiro da União por um ano, os obreiros bíblicos e os colportores por seis meses, e leigos, inclusive a irmã Panaitescu, por dois meses.

Nessa época o irmão Panaitescu fugiu para a Suíça e, dali, emigrou com a família para a Argentina, onde passou a desfrutar liberdade religiosa.

"O pior ainda está para vir"

Johann Georg Hanselmann

O irmão Hanselmann foi um de nossos líderes fiéis. Como delegado pela Alemanha, compareceu a todas as nossas assembléias da Conferência Geral realizadas antes de ser preso e morrer.

O Movimento de Reforma na Alemanha foi declarado ilegal em abril de 1936. Sendo assim, só havia uma possibilidade de nossos irmãos estarem em harmonia com a vontade de Deus: trabalhar clandestinamente e suportar as conseqüências. Por agir assim, o irmão Hanselmann, líder do nosso Campo Alemão Oriental, foi preso em setembro de 1936.

Em 27 de janeiro de 1937, a polícia secreta do Estado expediu o seguinte comunicado a respeito do irmão Hanselmann:

"Em relação às medidas de proibição tomadas contra líderes, ministros e colportores da Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma, o atual líder da Alemanha Oriental, Johannes Hanselmann, ... foi ... detido para investigação. ..."

Logo depois, foi expedido mandado de prisão em 23 de março de 1937, sob as seguintes acusações:

"Ele (Johann Hanselmann) dirigiu o carro através da Saxônia, Brandenburg, Pomerânia, Silésia e Prússia Oriental. Visitou os seguidores dessa seita, realizou estudos bíblicos, celebrou a Ceia do Senhor de acordo com o rito dessa seita proibida e recebeu dinheiro que havia sido arrecadado.

"O acusado diz também que, por princípio religioso, evita discussões seculares, e em todas as ocasiões dá livre testemunho da Palavra de Deus, conforme escrito na Bíblia."

Por esses "crimes" foi julgado e ficou preso até 2 de outubro de 1937.

Logo depois, foi preso novamente, julgado em Halle/Saale, acusado e sentenciado a dois anos de prisão, pelas seguintes "razões": [215]

"O acusado foi anteriormente ministro da seita dos 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma', proibida em todo o país em 29 de abril de 1936 por decreto do principal assessor da polícia secreta.

A referida seita, com sede em Isernhagen, separou-se da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a grande, em 1914, porque os adventistas, contrariamente a seus princípios de fé, permitiram a seus seguidores prestar serviço militar. Os reformistas entendiam que os adventistas não tinham autoridade para dar essa permissão aos membros.

O contraste entre adventistas e reformistas aumentou depois da revolução nacional. Enquanto os seguidores da Igreja Adventista do Sétimo Dia se resguardavam, sem exceção, em sujeição ao governo nacional-socialista, faziam a saudação germânica, matriculavam os filhos em organizações nazistas e prestavam serviço militar, os adeptos do Movimento de Reforma mantiveram os antigos princípios de fé. Sob o disfarce de movimento religioso, pretendem alcançar objetivos contrários à cosmovisão do socialismo nacional. Recusam-se, portanto, a servir no exército, não adotam a saudação germânica, não apóiam as organizações nazistas, tais como NSV, RLB e WHM. São internacionalmente assim orientados, pois não reconhecem pátria e consideram todos os seres humanos irmãos.

"Os reformistas adotam o ponto de vista de que só podem obedecer à lei enquanto não contradisser a Bíblia, porque para eles importa mais obedecer a Deus que aos homens."

Findos os dois anos, o ir. Hanselmann foi novamente levado ao tribunal. Na noite anterior à última audiência, não conseguiu dormir. Estava aterrorizado. Perto do amanhecer, já muito exausto, finalmente adormeceu e sonhou que precisava atravessar escuridão espessa que lhe causou grande temor. Então ouviu uma voz que dizia: "Não temas, Johann, Eu estou contigo." Depois, despertou. Todo o temor desaparecera e sentiu-se encorajado a morrer pela fé.

O relógio de bolso e alguns pertences foram enviados para a esposa.

Numa carta a ela, escreveu resumidamente: "O pior ainda está para vir. Estou sendo levado para o campo de concentração de Sachsenhausen."

Em maio de 1942, a irmã Hanselmann recebeu o informe oficial de que o marido havia adoecido. Contraíra disenteria e morrera no campo de concentração. Um colega da prisão, relatou posteriormente que, por haver-se recusado a trabalhar no Sábado, o pastor Hanselmann, com as mãos amarradas para trás, foi levantado e sufocado até a morte.

[216]

Declaração de renúncia de sua "fé louca"

Gottlieb Metzner

O irmão Metzner foi testemunha atuante em favor da mensagem de reforma. Conduziu várias almas a Cristo. Entre elas, o irmão Gustav Psyrembel, amado e corajoso batalhador da fé, um dos primeiros mártires do Movimento de Reforma.

Outra alma preciosa trazida por ele para a verdade foi a irmã Kiefer, cujo marido, terrivelmente irado, invadiu a casa do irmão Metzner com um machado, para matá-

lo. A irmã Kiefer foi detida num Sábado. Foi lançada na prisão, e maltratada. Contudo, nada foi capaz de impedi-la de aceitar a verdade. Depois de libertada, selou a fé com o batismo. Em resultado disso, o nosso irmão tornou a sofrer: Em 1944 foi levado para o campo de concentração de Esterwegen, perto de Osnabrück. Como tivesse família grande, e também por outros fatores que foram levados em consideração, as autoridades o libertaram depois de seis meses.

Durante a ausência dele, os quatro filhos em idade escolar eram obrigados pela polícia a freqüentar a escola. A casa era investigada, e a família constantemente multada, o que acabou onerando pesadamente a escassa renda de sua pequena fazenda.

Esses métodos não desanimaram o casal, embora nosso irmão fosse muitas vezes intimado a comparecer a interrogatório judicial.

Em 1939 os filhos foram tirados com violência do lar e levados para outro lugar, a fim de receberem escolaridade. O irmão Metzner foi preso pela última vez em 19 de outubro de 1944. Na polícia secreta de Breslau, apresentaram-lhe uma declaração de renúncia de sua "fé louca". Garantiram-lhe que, assim que a assinasse, os quatro filhos receberiam permissão imediata para voltarem para casa.

Um policial ali presente relatou depois que o acusado havia declarado que havia muitos anos cria na Palavra de Deus, e agora via tudo cumprir-se. Percebia também o completo colapso do totalitarismo e não podia nem devia renegar a fé, nem negar a Deus. Esse foi o último testemunho que ouvimos do irmão Metzner. Como verdadeira testemunha de Cristo, permaneceu fiel até a morte na prisão. O único filho homem do casal também foi preso, e nunca mais voltou.

Apenas o coração de mãe seria capaz de suportar tragédia semelhante. Somente em 1945, quando o sistema ditatorial culpado de tamanhas crueldades veio abaixo, a Sra. Metzner pôde ter de novo em sua companhia as três filhas, através da maravilhosa direção de Deus. (Resumido e adaptado do livro *And Follow Their Faith* (Imitai-lhes a Fé), págs. 7 e 8).

[217]

Traído por um ministro adventista diante do tribunal

Gustav Psyrembel

O irmão Metzner serviu como instrumento para que um jovem de Karlsmark, distrito de Brieg, conhecesse o Movimento de Reforma.

Estava surgindo o poder totalitário estatal na Alemanha e os militares exigiam que os cidadãos tomassem posição definida em defesa da pátria. Como resultado, o jovem Gustav Psyrembel, foi convocado.

Fazia pouco tempo que se havia casado, quando chegou a intimação para o alistamento. Psyrembel recusou-se a cumprir o dever militar por crer no Evangelho da paz anunciado por Cristo.

Declarou em termos breves e claros que se negava a participar de treinamentos de guerra por ser atitude incompatível com o espírito pregado no Sermão da Montanha. Tinha plena certeza de que todos quantos cressem no Evangelho

deveriam estar unidos numa comunidade internacional, e que era sua tarefa "buscar e salvar o que se havia perdido."

Portanto, ao lado dos companheiros de fé, não podia, conscientemente, concordar com a participação na guerra sanguinolenta entre nações, nem com outras coisas referentes a ela.

Foi preso, e depois de infrutíferos esforços para mudar seu modo de pensar, foi levado perante a corte marcial em Berlim. Disseram-lhe que devia prestar contas de suas ações, não diante de um concílio de igrejas, mas da corte militar. Tentaram persuadi-lo de que todo homem deve obedecer o governo.

Psyrembel corajosamente testificou que o reino de Deus não é deste mundo e, portanto, os seguidores de Cristo não podem lutar por reinos da Terra. Então apresentaram-lhe uma carta longa, escrita por um ministro adventista do sétimo dia, que recomendava a defesa da pátria como dever cristão. O jovem, de pé, perante o tribunal superior de guerra, traído por ministros da Igreja Adventista que o acusavam de ter pontos de vista errôneos, declarou firmemente que não podia servir a dois senhores.

Segundo suas convicções, somente a cristandade apostatada podia estar com a Bíblia numa das mãos e a espada na outra. Toda igreja que agisse dessa maneira não tinha a eficácia da piedade, mas apenas a aparência.

Psyrembel foi condenado à morte. Numa carta cheia de pormenores à esposa, expressou pesar ao saber que um ministro adventista, em carta dirigida ao tribunal, o havia traído e apresentado sob falsa luz sua posição. Nem essa traição o desanimou. Numa cela solitária, esperou o dia da execução da sentença.

Só Deus sabe que sentimentos passaram na alma desse soldado da cruz durante aqueles dias tenebrosos. Sua última carta mostra que o Espírito do Senhor [218] havia posto seus pensamentos acima de toda privação, sofrimento e necessidade. Seus olhos estavam dirigidos para cima, para além deste mundo em conflito com Deus. Ele possuía a certeza serena de que "todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão", o que se cumpriu literalmente na História em 1945, cinco anos depois de sua morte.

As cidades onde ele foi prisioneiro por causa da fé, onde a corte militar o sentenciou à morte e seu sangue foi derramado, foram destruídas por um bombardeio. E nós, mais uma vez nos lembramos de que "tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Condensado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 9, 10, 13 e 14).

Cada dia que surge pode ser o último para mim...

Eis as últimas cartas do irmão Psyrembel à sua esposa:

Berlim, NW 40, 12 de março de 1940

Querida ...

A paz do Senhor esteja contigo.

Aproveito esta oportunidade para escrever algumas linhas, porque cada dia que surge pode ser o último para mim. ... Portanto, não devemos ceder na hora da

decisão. Este é o caminho certo, a verdade. Esta obra é de Deus, e Ele não permitirá que pereça. É lamentável que muitos irmãos [na tríplice mensagem] se desviem do caminho certo, abandonem o Líder e Sua bandeira, separem-se dEle, comecem a duvidar de Seu divino amor e orientação, e O entristeçam.

Algum dia eles se arrependerão amargamente e reconhecerão seu erro, mas talvez seja tarde para sempre e não haja auxílio nem salvação. Não compreendem que estão traindo os que se apegam firmemente a Deus, tornando a batalha indizivelmente mais pesada. Quando um caso semelhante ao meu chega ao tribunal de guerra, [os oficiais] dizem:

"Os outros [adventistas] estão plenamente convencidos de que estão cumprindo o dever sem violar a consciência e sem violar os mandamentos de Deus. Por que você não faz o mesmo?"

É muito difícil em tal caso defender a verdade, explicar nossa posição para as autoridades e dizer que não podemos agir de outro modo. Fui repreendido outra vez por causa de minha "resistência ao ensino" e minha "obstinação". Esses [crentes transigentes], especialmente os ministros, têm conseguido enganar o povo.

Por meio de falsas representações da verdade, eles nos descrevem como criminosos e iludidos. Não contentes em evitar conflito e fugir das dificuldades, procuram também justificar suas ações erradas mediante declarações e exemplos irrelevantes das Escrituras.

Percebi isso na longa carta de sete páginas, recebida de um ministro [219] que usou argumentos supostamente confirmados pelos *Testemunhos*.

Porém, nada disso nos deve abalar. A verdade continua sendo verdade, e o que é correto continua sendo correto. O futuro há de revelar de que lado está a verdade. ...

Na esperança de ainda nos encontrarmos, encerro esta carta. Que o Senhor esteja com você. Receba as cordialíssimas saudações e os beijos de seu extremoso marido.

Transmita as melhores saudações a todos os que sempre pensam em mim. Seu Gustav.

Querida, amanhã serei executado...

Berlim, NW 40, 29 de março de 1940

Querida ...

Saudações com 2 Coríntios 4:16-18.

Acabei de saber que amanhã, dia 30, às 5:00 h da manhã, serei executado. Mais uma vez tive oportunidade de fortalecer-me com a Palavra do Senhor nesta última jornada. Trouxeram um Novo Testamento para eu ler. (Mas recebi comida escassa). As porções de pão que nos dão aqui são minguadas, e, em geral, tudo é muito mais estrito do que em Plötzensee.

Tenho, porém, suportado tudo com alegria e paciência, pois conheço Aquele por quem faço todas essas coisas e sei que não sou o primeiro nem o único a ser contemplado com esse quinhão.

Diz o Senhor: "Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos Céus." "Levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção se aproxima." Essas promessas preciosas são o que nos mantêm empenhados nesta batalha renhida, porém maravilhosa. O Senhor prometeu Sua proteção e poder, e está pronto a concedê-los a Seus filhos quando necessitarem. Tenho experimentado isso em todos esses anos de luta.

O Senhor seja louvado e exaltado! É Ele que me tem mantido sadio de corpo e alma e tem-me dado Sua alegria e Seu amor em grande medida. Ele não me deixará nesta hora extrema. Não devemos entristecer-nos, mas alegrar-nos ao considerar o privilégio de sofrer e morrer por Sua causa.

"Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida." Ele prometeu e, com fé neste poder e salvação, partirei desta vida na esperança, meus queridos, de que nos veremos outra vez em Seu reino, para estarmos eternamente com Aquele que nos amou até a morte.

Ali viveremos na paz e felicidade imperturbáveis e inseparáveis pelas quais tanto ansiamos na Terra. Seremos como os que sonham e dificilmente compreenderemos a felicidade que será o galardão de criaturas pecadoras e indignas como nós, que merecem castigo e morte. Que precioso privilégio é saber e crer em tudo isso.

Quanto a você, querida esposa, não permita jamais que esse precioso tesouro [220] lhe seja tirado das mãos. Confie no Senhor em todas as circunstâncias da vida. Ele estará ao seu lado e nunca a deixará. Supere a dor e complete a carreira. Console-se e tenha bom ânimo.

Eu não desistiria desta fé nem por todo o mundo. Aquele que ama a Cristo jamais poderá deixá-Lo. O Senhor concederá êxito a todos os Seus filhos que se empenham em guardar os Mandamentos.

Será também consolo para você saber que não serei sepultado vivo.

Espero que o Senhor a sustenha. Que Ele a abençoe e guarde. Que sobre você Ele ponha Sua proteção e graça, e lhe conceda a paz! Este é meu último desejo e oração. Amém!

Uma vez mais, e pela última vez, saudações sinceras de seu querido marido. Cordiais saudações à mãe e a todos os diletos irmãos e irmãs na fé, bem como a todos os parentes tanto do meu lado quanto do seu. Gustav Psyrembel. —*And Follow Their Faith*, págs. 10-13. -- Copiado do livro *A História dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma,* págs. 213-220.

Condenado à morte por recusar-se a lutar na guerra

Anton Brugger

Informação obtida de Esther, noiva de Anton Brugger:

Batizado em Wörthersee (perto de Klagenfurt, Áustria), em 1922, Anton foi membro ativo e animado da Igreja da Reforma. Quando eclodiu a guerra em 1939,

conseguiu fugir para a Itália. Esther o encontrou certo Sábado numa reunião da Igreja Adventista de Trieste. Brugger apresentou a Esther a verdade pregada pelo Movimento de Reforma, a qual ela transmitiu a outros. Com a ajuda de Deus, foram estabelecidos grupos reformistas em Trieste e Milão.

A Itália ainda não havia entrado na guerra. O irmão Brugger foi a Gênova, e tentou embarcar num navio para os Estados Unidos. Mas não foi isso que aconteceu. Durante curta escala em Milão, onde o irmão Müller estava instruindo um grupo na mensagem de reforma, Anton foi preso pela polícia e, depois de ser mantido sob custódia por um mês, voltou para a Áustria, então sob domínio alemão.

Na Áustria, com sinistro pressentimento, por vários meses foi padeiro. Um dia o receio se tornou realidade: Foi convocado. Tendo-se recusado a prestar serviço militar, foi levado ao tribunal em Salzburg, onde foi condenado a passar dois anos num campo de concentração.

Cumprida a pena, foi novamente recrutado. Recusando-se novamente, e dando claro testemunho da verdade presente, foi levado à corte marcial em Berlim, onde foi condenado à morte como objetor de consciência. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 40 e 41).

Querida mãe, hoje é meu último dia...

Transcrevemos a seguir duas cartas de Anton Brugger, escritas na prisão de Brandenburg-Gört, em 3 de fevereiro de 1943:

[221]

Minha querida e estimada mãe:

Peço-lhe que, ao receber estas linhas de meu adeus, não fique abatida, mas que seja forte e tenha bom ânimo. Recebi sua última carta amável, a qual me trouxe grande conforto. Seus esforços bem-intencionados em favor de liberdade condicional provavelmente serão inúteis. Ainda que obtivesse resultado, seria tarde demais, porque hoje é meu último dia. Sim, a situação realmente se tornou séria. Às 6h00 horas desta tarde minha sentença será executada.

Ah!, querida mãe, meu coração sofre muito pela senhora, que ainda terá de passar esse terrível pesar. Embora eu deseje poupar-lhe tudo isso, não posso agir de outro modo. Tenho de obedecer a consciência.

Desejaria muito fazer feliz seu coração maternal, fiel, nos dias da sua velhice, embelezar e tranqüilizar a sua vida. Mas já que este foi o decreto, não nos entristeçamos. Recebamos pacientemente das mãos de Deus esse fardo. Como sempre passando necessidade, não nos foi concedido permanecer juntos por muito tempo nesta vida.

Por isso, querida mãe, conforte-se na bem-aventurada esperança de que algum dia estaremos juntos para sempre com o Senhor. Essa certeza e esperança é meu maior conforto e força nesta hora de severa provação. Sei que meu misericordioso e benevolente Senhor e Salvador Jesus Cristo, o fiel Deus que me redimiu e que tem estado conosco até agora, também me concederá força e poder para a derradeira e dolorosa caminhada.

Peço-lhe encarecidamente: não se desespere. Confie no Senhor. Ele será seu conforto e auxílio. Não a abandonará. Faça tudo quanto puder para servi-Lo, a fim de que possamos ver-nos outra vez.

Peço-lhe que faça esforços especiais para lançar fora o ressentimento contra quem quer que a tenha ofendido. Refiro-me especificamente aos parentes de Saalfelden. Perdoe-lhes de todo o coração e esqueça todo o mal que fizeram. Lembre-se do que disse o Salvador.

Se não lhes perdoar as ofensas, não será perdoada. Deus nos trata como nós tratamos os semelhantes.

Peça a Deus que sempre lhe conceda força para vencer, e não desfaleça na luta contra o pecado. Então o Senhor lhe dará vitória.

Tenha sempre em mente que tudo está em jogo, mesmo a vida eterna, a qual só podemos obter se vencermos a nós mesmos e seguirmos o Salvador em Sua mansidão e humildade. Minha última súplica ao Senhor: que a senhora seja salva para o presente e para a eternidade.

Espero que tenha recebido também minhas cartas anteriores.

Tenho mais um pedido: Quero ser sepultado no cemitério municipal de Salzburg. Quando eu estiver lá, a senhora poderá visitar [222] de vez em quando o meu jazigo. Para isso, precisará enviar uma petição ao departamento da polícia distrital de Brandenburg-Havel, para que enviem para Salzburg a urna de seu filho que morreu em 3 de fevereiro de 1943, na prisão de Brandenburg. Então a urna será enviada ao departamento da polícia de Salzburg com o débito das despesas, que serão pequenas. Só depois disso será permitido o funeral.

Vá aos queridos Bliebergers e deixe que tomem informações na polícia de Salzburg. Façam todos os preparativos e realizem o último serviço de amor por mim. Que o Senhor abençoe grandemente a eles e a seus filhos!

Saúdo também a todos os queridos de toda parte. Que o Senhor os abençoe e guarde! Com o profundo amor de filho, saúdo-a na esperança de vê-la outra vez e a todos os nossos queridos na presença do Senhor. Beija-a o seu Anton. — *And Follow Their Faith*, págs. 48 e 49.

Prefiro o castigo da morte, marcada para hoje...

Minha amada Esther, estimado tesouro:

Lamentavelmente não foi possível ver-nos novamente. Ah, como desejei mais uma vez contemplar o seu lindo rosto e dirigir-lhe algumas palavras. Guardo sempre comigo sua bela fotografia.

Na contracapa da minha Bíblia o seu retrato está diante de mim.

Agora tome a Bíblia como lembrança minha. Espero tenha recebido minha última carta. Quando for ter com minha mãe, ela entregará estas cartas a você.

Nunca nos passou pela mente que nosso encontro em Niederroden seria o último. Eu sempre tive pressentimento de que grave e severa provação estava reservada para mim. Se não lhe disse nada, foi para não amedrontá-la. O que eu há muito

receava e esperava acontecer tornou-se agora realidade. Ah!, quão alegremente eu desejaria viver para trabalhar e beneficiar os outros. Como seria bom trabalhar com você na prática do bem. Não poderia haver para mim felicidade mais completa do que essa.

Angustio-me só em pensar na tristeza de minha querida e boa mãe. Peço-lhe encarecidamente que cuide dela e a conforte. Ah!, eu sei que a você, igualmente, querida Esther, golpearei severamente.

Não desfaleça, porém. Antes, console-se no Senhor. Devemos receber com paciência das mãos dEle esse triste fim. Ele sabe o motivo por que nos permitiu sobreviesse tudo isso. Não há outro caminho a escolher. Não é possível, de acordo com a minha fé, tomar parte na guerra. Eu poderia ficar livre se apenas me submetesse a obedecer sem reservas a todas as ordens do governo, mas isso não posso [223] fazer sem conflito com a consciência.

Prefiro, portanto, sofrer o castigo da morte, marcada para hoje, 3 de fevereiro de 1943, às 6 horas da tarde. Embora seja penoso, o Senhor terá misericórdia de mim e me ajudará até o fim. Já que o desejo de nosso coração de estar unidos na Terra tornou-se agora impossível por essa realidade triste, devemos confortar-nos com a preciosa esperança de rever-nos no Senhor.

Confio na graça e na misericórdia do Salvador, que Ele me aceitará e graciosamente perdoará os meus pecados. Seja também fiel ao Senhor Jesus. Ame-O e sirva-O com todas as forças. Não se assombre, antes, conforte-se. Depois da vinda do Senhor ninguém poderá mais nos separar, nem a dor poderá nos acometer.

Saudações de minha parte a todos os queridos. Meu coração tem estado sempre com eles. Transmita especialmente recordações minhas a seus queridos pais e dileto irmão. ...

Eu ficaria contente em ser sepultado na terra, mas todos os executados aqui passam pelo crematório. Já solicitei à minha mãe que peça permissão para sepultar a urna com minhas cinzas em Salzburg, pois esse é o melhor lugar. Espero não ter vivido em vão.

Agora, querida, amada minha, que o Senhor abençoe a você e aos seus queridos, e a proteja e ajude misericordiosamente para que possamos ver-nos outra vez para sempre ao lado dEle em Seu glorioso reino de paz. Amo você com ternura até o fim. Adeus, querida, Auf Wiedersehen! O seu Anton. — *And Follow Their Faith*, págs. 49-51.

Encontrou um ministro adventista, soldado de Hitler

Arnold Seelbach

Certo dia em 1938, o irmão Seelbach, recém-liberto da prisão, caminhava meditando para a estação do trem. Fazendo uma revisão de tudo quanto havia passado, parecia-lhe sonho estar de novo em liberdade.

Quantas vezes fora no campo de concentração posto junto à parede para ser fuzilado! Diariamente a vida estava em perigo.

Uma vez quiseram enterrá-lo vivo, contou ele. Além disso, não fazia muito, havia sido trancado numa cela gelada, tão escura que não podia ver as mãos diante dos

olhos. Sobreviveu pela graça de Deus, apenas com uma porção de pão seco e água. Quão grande a alegria quando, no nono dia, o ferrolho foi corrido e a porta aberta. O acontecimento, porém, não durou muito.

Ao sair da cela horrível, que sentimento apoderou-se dele ao ver 300 prisioneiros alinhados e 350 homens da SS, Schutzstafel, guarda de elite dos nazistas, armados, junto ao portão! O comandante, de pé no meio do pátio, chamou-o pelo nome. Puseram-no sobre a mesa de tortura. Amarraram-no fortemente de pés e mãos, e a ordem do comandante teve de ser cumprida. [224]

Dois homens da SS, brandindo chicotes de açoitar cavalo, golpearam-no 15 vezes nas nádegas e nas costas até deixá-lo quase sem vida. Enquanto se contorcia de indescritível dor, eles o lançaram novamente na cela horrível. Sozinho, sem apoio humano, permaneceu ali sobre o pavimento frio de pedra. Nenhuma palavra de conforto lhe foi dita. Os homens da SS lhe entregaram uma corda com o lembrete de que jamais sairia vivo daquela masmorra. Permaneceu na cela escura por 21 dias.

O sofrimento parecia haver acabado. Assim pensava. Estava livre de novo. À distância, contemplava a estação ferroviária. Seria sonho? Beliscava a mão e o rosto para se certificar de que não estava dormindo. Não, não era sonho. Era realidade. Às 2 horas da madrugada chegou a casa. Reunião de família! Que alegria!

Triste é dizer, a alegria não durou. O laço de família mais uma vez foi quebrado. No dia 2 de novembro de 1938, o irmão Seelbach teve de apresentar-se novamente para cumprir exigência governamental contrária à sua convicção. Havia apenas uma coisa a fazer: permanecer leal a Deus, custasse o que custasse.

Em 24 de outubro ele deu adeus a tudo quanto lhe era mais querido.

Ah! quão difícil foi, conforme conta, especialmente quando apertou a mão trêmula do pai e da mãe pela última vez. Viu seus lábios se moverem e, embora não tenha ouvido nenhum som, compreendeu o que desejavam dizer. Uma vez mais acenou à distância para o lar. Quando o veria de novo? pensou.

Obscuro e incerto era o futuro. Após longa jornada, chegou à fronteira de Luxemburgo. À frente estava o rio Sauer. Às 11h30m da noite pôs os pés na água gelada. As rochas eram muito escorregadias.

A corrente era tão forte que sentiu não seria capaz de suster-se. A bagagem que levava ficou encharcada, mas ele sentiu-se feliz em poder alcançar a outra margem. Em seguida, agradeceu ao Pai celestial, que o havia ajudado a cruzar a fronteira para Luxemburgo.

No dia seguinte passou, outra vez ilegalmente, para a fronteira da França. Que sensação de temor lhe sobreveio quando viu um oficial da polícia dirigindo-se para ele. Clamou a Deus por auxílio. E que sucedeu? O policial virou-se e seguiu para outra direção.

Na França o irmão Seelbach experimentou realmente a promessa de Mateus 19:29: "E todo o que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe ... por amor do Meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna." Sim, ali foi recebido de maneira tão cordial que não conseguia ser grato a Deus o tanto quanto a alma pedia. [225]

O Diabo, porém, não queria que gozasse paz e alegria. Onde quer que se estabelecesse, alguém o delatava. Mas o Senhor o ajudava de tal maneira que, poucas horas antes de a polícia chegar, ele estava num lugar diferente.

Finalmente, foi obrigado a deixar a França e fugir para a Holanda, em maio de 1939, passando por Luxemburgo e Bélgica. Em 29 de dezembro de 1939, todos os refugiados alemães, e também o irmão Seelbach, foram confinados num campo de concentração.

Em 14 de maio de 1940, passaram momentos terríveis quando os alemães se apoderaram desse campo com 350 judeus e 25 desertores. Imediatamente os desertores foram fuzilados. O irmão Seelbach também foi condenado à morte. Mas um milagre aconteceu. O Deus onipotente possibilitou-lhe a fuga.

Depois de escapar do campo de Hoek, na Holanda, em 18 de maio de 1940, ficou escondido em casas de irmãos da fé. Entretanto, o Diabo, não estava contente. Novamente uma traição. Enviaram um bilhete anônimo à polícia. Outra vez Seelbach foi caçado como fera. Assim continuou mês após mês, muitas vezes obrigado a esconder-se por dias e noites em florestas e cavernas sob frio rigoroso.

Quando as tropas inglesas lutavam para libertar a Bélgica em setembro de 1944, a tempestade desencadeou mais violentamente sobre a Holanda. Por toda parte os homens da SS rastreavam a região à procura de vítimas para abater.

A fim de não cair nas mãos desses algozes, no derradeiro minuto, através da linha de fogo, nosso irmão escapou para a Bélgica em 14 de setembro de 1944. Então, contra sua expectativa, foi detido pelos ingleses. Mas o Senhor o confortou com João 13:7: "O que Eu faço, tu não o sabes agora; mas depois o entenderás."

Embora a princípio ficasse triste, depois de todas essas lutas, alegrou-se, pois lhe foi permitido ser testemunha de Cristo. Com freqüência conseguia proclamar a mensagem de Deus para estes últimos dias para 300 ou 400 homens.

Certa vez o auditório chegou a mais de mil pessoas quando falou sobre o tema "Que nos trará o futuro?" Muitos, chorando, levantaram as mãos, prometendo a Deus aceitar a verdade. Três começaram a guardar o Sábado quando nosso irmão ainda se encontrava ali.

No campo de internamento, o irmão Seelbach encontrou também um conhecido ministro da denominação Adventista, que, sendo soldado de Hitler, ali estava como prisioneiro de guerra. Ele cria na vitória final do "Führer", mas então decepcionado, tinha vergonha de si mesmo. [226]

Após 15 meses de internamento, o irmão Seelbach foi convocado para uma audiência. O Diabo insistia em trabalhar contra ele, pois o oficial encarregado, que tinha autoridade para libertá-lo, não queria examinar as evidências de sua inocência. Em vista da situação, a igreja começou a orar fervorosamente em favor desse irmão.

Ele também passou uma noite inteira lutando com Deus em oração. Na manhã seguinte, foi mais uma vez convocado para audiência. Cheio de fé, recorreu ao Pai celestial e suplicou ajuda. Que aconteceu? Sem dizer palavra, libertaram-no. O irmão Seelbach encerrou seu relato exclamando: "Bendito seja por toda a eternidade o nome de Jesus de Nazaré!"

A Gestapo exigiu o endereço de todos os irmãos

Alfred Münch

Certo dia, numa campanha de colportagem, o irmão Hans Fleschutz vendeu o livro *Auf Gottes Wegen* (Nos Caminhos de Deus) a uma senhora idosa de Hassloch. Quando soube que ele era adventista, perguntou se conhecia o irmão Münch. O colportor respondeu que conhecia a esposa e os filhos dele. Ela então quis saber onde Münch se encontrava. Fleschutz contou que o irmão Münch houvera sido mártir por sua fé num campo de concentração.

Ao ouvir isso, lágrimas surgiram-lhe nos olhos. Trinta anos antes o irmão Münch ministrara uma série de estudos bíblicos àquela senhora. Enquanto o irmão Fleschutz descia a rua, continuou pensando no irmão Münch, que muitos anos antes trabalhara naquela mesma rua, visitando casa após casa, e agradeceu a Deus porque tinha dado a esse querido irmão força para perseverar até a morte.

Transcrevemos a seguir uma carta da irmã Münch, de 4 de outubro de 1964, relatando o que ela e o marido sofreram sob o regime totalitário:

Meus prezados irmãos e irmãs no Senhor!

Paz seja com todos!

Passo a relatar minha experiência aos amados crentes que travaram o combate de boa consciência, na Alemanha, durante o regime de Hitler. Em primeiro lugar, dou honras e louvores a Deus, que tão maravilhosamente nos sustentou em todos os dias dessa ardente provação.

Certamente, os irmãos ouviram muitas experiências sobre nossos irmãos encarcerados durante as duas guerras mundiais, mas desejo agora falar das experiências pelas quais nós, irmãs, tivemos de passar. Era comum, no passado, pensar que, sendo [227] mulheres, não iríamos tão facilmente para a prisão. Eis porque o golpe nos foi duplamente severo. Tornou-se mais severo ainda quando, em momento crítico, irmãos apostataram e, ao renunciarem a fé, tornaram nossa carga bem mais pesada.

Em nossa vila havia uma mulher interessada na verdade, que nos visitava com freqüência, cujo marido era membro da SA (Sturmabteilung). Ele ficou tão furioso com essa visitação que denunciou o caso ao partido. Meu marido logo foi preso e levado embora, enquanto meus filhos, que tinham então dez e cinco anos, ficaram chorando de maneira tão sentida que quase partiu o meu coração. Durante quase duas semanas mal pudemos comer. A Gestapo mandou que eu fornecesse os endereços de todos os irmãos.

Como eu me recusasse a colaborar, deixaram-me este recado:

"Ficaremos com seu marido até que nos forneça os endereços."

Isso aconteceu em novembro de 1936. Em 19 de abril de 1937, fomos julgados no tribunal especial em Mannheim. Éramos 15. Todos fomos condenados. O líder de nossa igreja e meu marido receberam a pena mais longa: sete meses. ...

Nosso castigo foi a cela solitária. A guarda do Sábado e o alimento servido na prisão causaram nova luta. Não tendo trabalhado nove Sábados durante os dois

meses que ali passou, meu marido ficou 26 dias em confinamento. Recebeu apenas pão e água e foi deixado numa cela mais escura com apenas um banco de madeira para dormir.

Para as irmãs, eles abrandaram as circunstâncias. Por eu não trabalhar no Sábado, recebi dois dias de confinamento numa cela mais escura. Tiraram de mim o avental, sapatos, grampo de cabelo, etc. Queriam, assim, evitar possíveis tentativas de suicídio. Isso foi no Sábado e no domingo.

Agora, meus queridos irmãos e irmãs, como pensam que eu me sentia? Maravilhosamente bem! A gente se acostuma a tudo. Como não fosse permitido cantar em voz alta, eu cantava baixinho: "Tenho paz em meu coração, e isso me faz feliz", e outro cântico: "Rompendo laços com todas as coisas terrenas e enchendo-me das coisas eternas, encontro aqui a bendita paz que satisfaz o anseio da alma."

As lutas por que passei, apesar de cruéis e severas, foram maravilhosas. Era difícil resistir o poder das autoridades. Porém, por nada eu perderia essas experiências. Quando fui presa pela primeira vez, a supervisora xingou-me terrivelmente ao descobrir que eu pertencia aos adventistas. Disse-me que no Sábado havia trabalho a fazer, e que eu tinha de obedecer ou nunca mais voltaria para casa. Fiquei tão deprimida que palidez mortal tomou conta de mim. Fui dominada pelas lágrimas. Então [228] ela disse: "Mais duas de vocês estão aqui, e são as melhores pessoas da prisão". Então o Sol voltou a brilhar e meu coração se alegrou.

Permaneci decidida, dizendo calmamente para mim: Eu também pertenço a esses crentes. Ela não me verá desistir do Sábado.

Semanas depois, diante da minha firmeza, a supervisora disse:

— Vocês são verdadeiros comunistas!

Respondi:

— Senhorita Böhler, desde quando os comunistas crêem em Deus?

Saiu sem responder. Desde então, nem ela nem mais ninguém me perturbou. Só aos Sábados vinha para me tirar da cela. Terminando a minha pena, embora em circunstâncias difíceis, sob vigilância policial, meu marido e eu pudemos estar juntos outra vez.

A luta recomeçou quando, no início de 1939, ele recebeu convocação para o serviço militar. Embora tenha recebido seis ordens para comparecer, ele as ignorou. Em março de 1940 foi preso novamente. A alegação foi: não respondia à saudação nazista. Depois de passar dois meses na prisão aguardando julgamento, foi levado ao campo de concentração de Dachau. Suportou tudo heroicamente.

Às vezes escrevia para mim, e eu podia ler nas entrelinhas qual era o seu estado. Se escrevia, por exemplo, "espero que passe logo a severidade do inverno", eu sabia o que essas palavras queriam dizer.

De Dachau ele foi transferido para o campo de concentração de Neuengamme, perto de Hamburgo. Dali escreveu cartas cheias de alegria no Senhor, pois sempre esperava reencontrar seus entes queridos.

Em toda carta a principal preocupação era com os filhos. Recebi a última correspondência dele no fim de fevereiro de 1945, pouco antes de os norte-americanos marcharem contra Mannheim. Nossa esperança e a dele, de estarmos juntos, acabou quando não vieram as notícias que esperávamos.

Nunca recebi informe oficial. Em 1948 fiquei sabendo, por meio de um homem que supostamente estivera com ele até o fim, que morrera de inanição. A eternidade revelará.

Que o Senhor me dê forças para suportar até o fim e então experimentar a bendita promessa de 1 Tessalonicenses 4:16-18. ...

Saúdo a todos cordialmente como co-peregrina em demanda de Sião. Irmã A. Münch, Mannheim. —*And Follow Their Faith*, págs. 34-36.

A irmã Münch, que dormiu no Senhor em novembro de 1965, escreveu em sua última carta: "Deponho tudo nas mãos do grande Médico. O caminho no qual Ele nos conduz é bom. Agradeço a Ele somente, pois me tem conduzido maravilhosamente e tem cuidado de mim. Estou certa de que Ele continuará a fazer isso até o fim de [229] minha vida. Que Deus vos abençoe! Esse é o desejo de vossa sempre agradecida irmã Muench, que vos ama." (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 37).

Rapaz de 16 anos recusa-se a portar armas

Leander Zrenner

Do *Noticiário Vespertino de Munique*, de 25 de abril de 1955:

"Dezesseis anos atrás o pai de Zrenner foi executado como objetor de consciência. O filho também jamais pegará em arma de fogo!

" 'Causa da morte: Execução'. É o que está escrito no atestado de óbito do pai, que o objetor de consciência de 19 anos de idade, Werner Zrenner, recebeu. No verão de 1941, um tribunal militar condenou o pai à morte por sua recusa em prestar serviço militar. Em 9 de agosto, o assistente e soldado Leander Zrenner caiu diante de uma rajada de balas em Brandenburg/Havel. O homem, profundamente religioso, pagou com a vida sua convicção contrária ao serviço militar. Adventista devoto, declarou que nunca apontaria armas contra alguém.

"Ontem, 24 de abril de 1955, dezesseis anos depois, o filho de Zrenner compareceu à Comissão Examinadora dos Objetores de Consciência no Departamento de Serviço Seletivo, Munique 1. A exemplo do pai, ele também se recusou a portar armas. Jamais será obrigado a fazer isso. A Comissão o declarou objetor de consciência. 'A vida humana é intocável; portanto não posso conscientemente matar pessoas inocentes', declarou Werner Zrenner diante dos membros da Comissão Examinadora. 'É provável que eu tenha de suportar as conseqüências que meu pai sofreu 16 anos antes.'

"Além da mãe, três pessoas testemunharam em favor do jovem. Declararam com unanimidade que Zrenner, antes de entrar em vigor o alistamento geral, se expressara contra o porte de armas. O presidente da Comissão Examinadora, advogado Friedl Fertig, disse ontem: 'A morte violenta do pai foi a razão das conclusões do rapaz acerca dos prós e contras do dever militar.' Os membros da

Comissão reconheceram a opinião de Zrenner baseada em suas convicções de consciência." — *And Follow Their Faith*, págs. 37 e 38.

Como a liberdade religiosa, o mais importante de todos os direitos humanos, foi instituída na Alemanha Ocidental após o fim da Segunda Guerra Mundial, Werner não teve a mesma condenação do pai.

Viúva morre após torturas em Auschwitz

Maria Maritschnig

Viúva de um alfaiate. Morto o marido, a oficina passou a ser administrada pelo irmão Ranacher. No lar da irmã Maritschnig, esse [230] irmão conheceu a verdade pregada pela Reforma, a qual aceitou de todo o coração. Sob instigação dos parentes dele, as autoridades acusaram a irmã Maritschnig de o ter induzido a aceitar a fé. Ela foi levada ao tribunal. Durante o julgamento, foi tratada com tanta aspereza que desmaiou e teve de ser carregada para fora da sala. Certos de que ela tivesse sido levada para o hospital, os crentes foram para lá. Equivocaram-se. Chegou a notícia de que havia sido transferida para Munique. Depois de torturas cruéis, foi levada para o infame campo de concentração de Auschwitz, onde faleceu. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 38 e 39).

Muitos outros mártires

Dr. Alfred Zeyhs

Esse irmão foi lançado na prisão e, espancado, teve graves hematomas. Recusou-se a violar a Lei de Deus. Por permanecer inflexível em sua posição, foi transferido para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde depôs a vida em 1940. A esposa e três filhos sobreviveram. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 33, e de um artigo publicado na revista *Der Adventruf*, dezembro de 1946).

Willi Thaumann

O irmão Thaumann conheceu a verdade através da colportagem. Tinha uma loja de ferragens. Caráter puro e sincero, vivia à altura da verdade, sem fazer concessões. Vendo que era seu dever confessar a fé publicamente, apesar das bem-intencionadas advertências de um amigo policial, continuou fechando o comércio aos Sábados. Na porta da loja, havia uma tabuleta com o mandamento do Sábado. Por sua fidelidade ao quarto e sexto mandamentos, foi levado ao campo de concentração de Oranienburg, onde foi martirizado em 1941. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 33).

Três irmãs russas

Entre os operários que foram levados à força da Rússia para a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, havia três jovens russas que se demonstraram heroínas da fé ao serem provadas com respeito ao quarto mandamento. "Faremos em cinco dias o trabalho que nos foi incumbido", disseram ao oficial do campo. Realmente fizeram mais que isso. Ninguém era tão elogiado pela diligência no trabalho como aquele pequeno grupo de crentes. Satanás, porém, não estava satisfeito. Naqueles dias o lema era: "Trabalhar! Trabalhar! Trabalhar! Na guerra, temos de vencer." [231]

Os trabalhadores gritavam cheios de inveja: "Se essa gente pode ter dois dias livres, nós também exigimos os mesmos privilégios." Eles se referiam ao Sábado e domingo.

Grave crise pessoal era iminente para aquelas irmãs.

O capataz tentou apaziguar os ânimos, dizendo que elas realizavam trabalho melhor, completando as tarefas de seis dias em cinco.

— Nós também podemos fazer isso, gritaram.

Então o capataz dirigiu-se ao pequeno grupo de crentes:

— Estão vendo? Não posso fazer nada. Vocês terão de trabalhar aos Sábados também. Caso contrário, fuzilamento! Estamos em guerra, e atitude como a de vocês, é considerada sabotagem contra a nação.

Nuvens de ansiedade pairaram sobre aquelas irmãs fiéis. No Sábado seguinte o capataz ficou furioso ao surpreendê-las num estudo bíblico. Disse-lhes:

— Vocês sabem quanto as aprecio. Se dependesse de mim, seriam dispensadas no Sábado. Estimo o bom trabalho que fazem, mas vejam o tumulto entre os trabalhadores. Além disso, a impressão é de que eu protejo os judeus. Peço-lhes o favor de trabalhar.

A resposta foi:

— Não podemos pôr os mandamentos de Deus abaixo dos preceitos dos homens. Se nosso Salvador quer que morramos, estamos prontas. Ele morreu primeiro por nós.

Como não cedessem, foram castigadas. Depois tornaram a perguntar se ainda continuavam com a mesma opinião. Recusando-se a mudar de conduta, declararam firmemente que preferiam morrer a ser separadas de Cristo. Seguiu-se uma cena da Idade das Trevas: foram açoitadas impiedosamente nas costas nuas até sangrar. Quando voltaram para a cela, uma lavou as feridas da outra e louvaram a Deus que as julgou dignas de sofrerem pelo nome de Jesus.

Depois de outra semana de trabalho, nova provação, maior que a anterior. O capataz encontrou-as novamente lendo a Bíblia, conforme seu costume.

— Hoje é a última oportunidade para vocês. Não acreditam que serão fuziladas?

— Sim, sabemos. É o que prevemos. Porém, nada temos a perder deixando este mundo. Além disso, nossa consciência diz que não merecemos ser maltratadas.

As três foram alinhadas diante da metralhadora. O major começou a contagem regressiva. Vendo que as irmãs continuavam inflexíveis, sem vacilação, o major fez alto e disse: "Deixem que guardem o Sábado. Jamais vi coisa semelhante."[232]

Depois disso, sempre que aquele homem tinha oportunidade, e não era vigiado, vinha ao culto sabático e ficava alguns instantes com as irmãs crentes. Além disso, com freqüência lhes trazia alimento extra. Elas disseram que não tinham sentimento de ódio nem vingança contra aquele homem. Ao contrário, chamaram-lhe a atenção para o amor de Deus e Suas obras maravilhosas, o plano da salvação,

e a tríplice mensagem de Apocalipse 14. Só Deus sabe o que aconteceu a ele depois disso.

Muitos outros

Além desses mártires, houve muitos outros, durante a Segunda Guerra Mundial, que sofreram injustiça, perseguição e morte. Ernst Körner foi torturado até a morte no campo de concentração de Sachsenhausen em 1944. Robert Freier foi martirizado num campo de concentração em 1940. Certo irmão Hermann foi declarado morto na prisão de Breslau (1941?). Josef Blasi foi torturado até a morte no campo de concentração de Mauthausen em 1943. O irmão Ranacher foi sentenciado à morte por um tribunal militar durante a guerra. Esses também pertencem à longa lista dos heróis da fé.

Uma reportagem publicada no *Völkischer Beobachter* (Observador Popular), Áustria, deu informações adicionais sobre a perseguição cruel a que nossos irmãos foram submetidos. Diz o informe:

"Distrito de Kaernten,

"Klagenfurt, 20 de agosto de 1943

"Dez Anos Para Refletir na Penitenciária

"Adventistas no Serviço dos Oponentes

"Relatos Pessoais do *Observador Popular*

"Foram acusados perante no tribunal especial de Klagenfurt [Josef] Blasi, de 48 anos, e Maria Krall, de 48, ambos de St. Donat. Matthias Weratschik, de 37 anos, e a esposa Maria, de 28 anos, de Tiemenitz. Sob a influência da loucura adventista, os quatro recusaram-se a portar armas, citando textos da Bíblia na tentativa de levar à resistência compatriotas alistados. ... Esses queriam deixar a defesa da pátria ao cuidado do Senhor Deus. Para evitar piores calamidades, tais elementos transviados devem ao menos, durante a guerra, ser mantidos onde não possam causar dano. O tribunal especial os declarou culpados. Josef Blasi foi sentenciado a dez anos de prisão. Os outros três foram condenados apenas pelo crime de terem incorrido no parágrafo terceiro da Lei de Proteção das Defesas do Povo Alemão, porque se opuseram à lei mediante atitude [233] e antimilitarista. Assim, Maria Krall foi condenada a cinco anos. Matthias e Maria Weratschik foram condenados a dois anos na penitenciária." (Citado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 52). -- Copiado do livro *A História dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma,* págs. 220-233.

Histórias que Ninguém Contou nos Encontros J.A.

Mártires do Século XX

Conheça a História de Heróis Adventistas Modernos

*O relato é do livro **O Adventismo e a Reforma Profetizada**, do irmão Alfons Balbach, que integra o Movimento de Reforma:*

O Senhor sempre deu a primeira oportunidade aos líderes, mas é lamentável dizer que, quando surgiu a crise perante a igreja em 1914, encontrou-os despreparados. A grande maioria dos membros na Europa foi incapaz de enxergar que seus líderes, levando os membros a participar dos combates na Guerra, estavam conduzindo a igreja a uma direção errada.

Durante essa ardente prova, a liderança dos ASD expediu declarações instruindo os irmãos a tomarem parte nos combates. Esses escritos trouxeram muita confusão nas igrejas. Milhares de adventistas do sétimo dia na Europa foram lançados em grande sofrimento e perplexidade, os quais, para evitar a perseguição e possível morte, consentiram em renunciar à guarda do Sábado para portar armas e agir como outros patriotas agiam. A grande maioria procedeu em conformidade com as decisões de seus líderes.

Foi somente uma pequena minoria de objetores de consciência (não-combatentes) que tiveram fé e coragem necessárias para defender a verdade e a justiça. Não eram desordeiros; eram adventistas sinceros que permaneceram em defesa da Lei de Deus num tempo de crise, em que a igreja vacilava entre a lealdade e a transigência. Seu ponto de vista, porém, conflitava com a decisão dos líderes, cujo desejo era que a igreja não perdesse o favor do governo. Por isso os poucos que se mantiveram fiéis às suas convicções foram excluídos da comunhão da igreja. A perseguição e a tribulação que se seguiram em resultado dessa atitude faz parte da história denominacional. Na crise desencadeada pela Primeira Guerra Mundial, Deus tinha Suas fiéis testemunhas em cada país, como veremos nas páginas a seguir.

Desde o início da guerra, a Conferência Geral estava a par das dificuldades enfrentadas pela igreja na Europa. As contendas e divisões surgidas nas fileiras adventistas não foram ocultadas aos irmãos da sede. Por isso, em fins de 1916, William A. Spicer, secretário da Conferência Geral, foi enviado à Europa a fim de obter informações de primeira mão sobre o problema e, se possível, encontrar uma solução. Se ele tivesse entrado em contato com a minoria excluída e ouvido também a sua versão da história, poderia ter levado para Washington, D. C., um quadro equilibrado da situação. Satisfez-se, porém, apenas com relatórios parciais que lhe foram apresentados pelos líderes europeus (principalmente por L. R. Conradi), responsáveis pelo problema e diretamente envolvidos na dificuldade. Assim, a visita do pastor Spicer, em vez de servir para resolver ou minimizar a questão, serviu apenas para agravá-la.

Milhares de adventistas encheram-se de consternação e começaram a protestar quando leram a Circular de 2 de agosto de 1914, assinada pelo pastor G. Dail, secretário da Divisão Européia, e que continha as seguintes instruções:

"Devemos cumprir de bom grado nossos deveres militares enquanto estivermos servindo o exército ou quando formos chamados a servir, para que os oficiais encarregados encontrem em nós bravos e fiéis soldados, dispostos a morrer por seus lares, por nosso exército e por nossa Pátria."

Para agravar a aflição desses adventistas não-combatentes, o compromisso da liderança, de acordo com a declaração submetida pela União da Alemanha Oriental ao Ministério da Guerra (4 de agosto de 1914), assinada pelo presidente da União, H. F. Schuberth, foi providencialmente trazido ao conhecimento deles poucos dias depois. Dizia essa declaração:

"Comprometemo-nos a defender a pátria e, nessas circunstâncias, também portaremos armas no Sábado."

Outra coisa que chocou esses poucos fiéis foi a publicação do livreto *Der Christ und der Krieg* (*O Cristão e a Guerra*) em 1916. Na página 18, três dos principais líderes adventistas da Alemanha fizeram a seguinte declaração:

"Em tudo quanto dissemos, mostramos que a Bíblia ensina: primeiro, que tomar parte na guerra não é transgressão do sexto mandamento; segundo, que fazer serviço militar no Sábado não é transgressão do quarto mandamento."

Ninguém pode negar que ocorreu uma mudança fundamental na posição doutrinária da Igreja Adventista na Alemanha e que essa mudança afetou a Lei de Deus diretamente. Uma crise, seguida de separação, foi a conseqüência inevitável.

Mesmo os de fora comentaram sobre esse acontecimento. Um ministro luterano escreveu:

"A Guerra Mundial acarretou grande crise ao adventismo alemão. O *Koelnische Zeitung* (*Jornal de Colônia*), de 21 de setembro de 1915, escreve: 'Depois do início da guerra ocorreu um cisma entre os seguidores do adventismo. A maioria queria que seus ensinos fundamentais ficassem invalidados durante o tempo da guerra. A outra parte, ao contrário, desejava a santificação do Sábado mesmo durante esse tempo difícil. Essas diferenças de opinião resultaram finalmente na exclusão dos seguidores da antiga fé da igreja.' Acima de tudo foi essa posição para com o serviço militar em geral que causou essa divisão.

"Já em 4 de agosto de 1914, a grande maioria dos adventistas alemães havia declarado num comunicado extremamente subserviente ao Ministério da Guerra em Berlim: 'Neste atual e solene tempo de guerra, consideramo-nos compelidos por uma questão de dever a permanecer em defesa da Pátria, bem como, sob estas circunstâncias, a portar armas no Sábado.' Declaração semelhante foi enviada ao escritório do general comandante da sétima região militar em 5 de março de 1915. Assinavam essa declaração L. R. Conradi, presidente da Divisão Européia dos Adventistas, e P. Drinhaus, presidente da Associação Saxônica.

"Adotou-se, portanto, uma posição oficial contrária aos ensinos pacifistas adotados pela Associação Americana [dos adventistas]. Por essa razão, parte dos adventistas alemães opuseram-se a essa resolução oficial. Essa discordância resultou em amargo conflito. Os adventistas que eram favoráveis à participação na guerra e que

se haviam tornado desleais aos princípios originais, voltaram-se de modo impetuoso contra os seguidores dos antigos ensinos.

"Num artigo publicado no *Dresdener Neueste Nachrichten* (*As Últimas Notícias de Dresden*), 12 de abril de 1918, eles chamam essas pessoas de 'elementos irrazoáveis' com 'idéias tolas', chegando a dizer as seguintes palavras indelicadas: 'Consideraríamos na realidade um favor feito a nós se tais elementos recebessem o destino que merecem.' No mesmo artigo, em exaltação a seus próprios méritos, narram detalhadamente seus feitos pela Pátria. Achamos que essa contenda é algo extremamente desagradável. Por outro lado, os seguidores dos ensinos primitivos, num número especial de seu periódico, *Waechter der Wahrheit* (*Sentinela da Verdade*), narram a grosseria sofrida da parte de seus irmãos hostis." Dr. Konrad Algermissen, *Die Adventisten* (*Os Adventistas*), págs. 22-24 (livreto publicado em 1928).

Um panfleto publicado pela Igreja Adventista na Alemanha tentou explicar nos seguintes termos a crise que acometeu o povo adventista durante a Primeira Guerra Mundial:

"Como filhos do Pai celestial, eles [os adventistas] cultivam a paz entre si e com os seus semelhantes em todo o mundo. Ao mesmo tempo, buscam, nesta época solene, manter os princípios que o Senhor da cristandade deu aos que são a luz e o sal da Terra. Onde existe recrutamento geral, eles [os adventistas] têm sempre estado prontos, como denominação, a cumprir seus deveres tanto em tempos de paz como em tempos de guerra, a exemplo de todos os outros cidadãos leais. Na observância do sétimo dia semanal, que é sua característica peculiar, desejam apenas ter os mesmos direitos outorgados a outros religiosos com respeito a seu dia de repouso.

"Ao eclodir a guerra, a denominação agiu firmemente de acordo com a lei do recrutamento, conforme seus membros tinham feito em tempos de paz. Desejavam, se possível, os privilégios que podiam ser concedidos a outros sob as mesmas circunstâncias. Milhares de seus membros estão no exército. Muitos deles tombaram no campo da honra na Europa e alguns nas colônias, ao passo que muitos outros receberam condecorações ou foram promovidos. Além disso, no início da guerra, muitos de seus membros, tanto homens como mulheres, trabalharam voluntariamente prestando serviços em ambulâncias, e a denominação colocou sem hesitar suas espaçosas instalações da missão à disposição da Cruz Vermelha.

"No decurso da guerra, contudo, houve lamentavelmente alguns membros que deixaram de confessar abertamente às autoridades suas próprias dúvidas pessoais de consciência, e preferiram afastar-se secretamente de seus deveres e ficar perambulando de lugar em lugar induzindo outros, pela palavra falada ou escrita, a adotar o mesmo procedimento. Quando a denominação os chamou a prestar contas pela sua conduta, acusaram os líderes de estar em apostasia. Portanto, eles tiveram de ser excluídos da comunhão, não por causa de suas convicções pessoais, mas devido à sua atitude anticristã e por se haverem tornado uma ameaça tanto à paz interna como à externa." —*Zur Aufklaerung* (*Esclarecimento*), págs. 2 e 3.

Numa carta circular intitulada *The European Situation* (*A Situação Européia*), o pastor C. H. Watson deu a seguinte explicação:

"Houve na Alemanha, e nesses outros países em questão, uma minoria de nossos crentes que se recusaram a seguir a liderança de Conradi e outros a participar na guerra como combatentes.

"Esses foram submetidos a muito sofrimento nas mãos de seus governos devido à posição que defendiam.

"Na Alemanha, os que se posicionaram contrariamente à ímpia ação de Conradi em submetê-los à guerra foram tratados com grande rudeza por ele e seus aliados. A resistência da minoria ao serviço militar ameaçava comprometer todo o corpo de adventistas aos olhos do governo alemão, e, para evitar isso, Conradi mandou que excluir a minoria da igreja.

"Assim a minoria não-combatente daquele país foi posta fora da igreja, e essa separação continuou através dos anos da guerra.

"Quando esse estado de coisas se tornou conhecido dos líderes da Conferência Geral, eles ficaram profundamente preocupados e enviaram W. A. Spicer à Alemanha num tempo em que era extremamente grave o perigo do submarino alemão. O irmão Spicer colocou em perigo sua própria vida a fim de obter informações de primeira mão sobre aquela situação.

"O resultado dessa visita foi que a Conferência Geral obteve informações diretas acerca:

a. do erro cometido contra essa minoria de crentes,

b. da divisão e rivalidade resultantes entre nossos membros alemães,

c. do desenvolvimento de amargura em ambos os grupos, e especialmente nos que foram injustiçados pelo procedimento de Conradi,

d. dos pontos de vista extremos a que esses grupos estavam impelindo uns aos outros com as suas diferenças."

Enquanto Conradi foi líder da denominação ASD, os representantes da Conferência Geral encobriram seus defeitos e o defenderam. Depois que ele deixou a Igreja Adventista, alguns líderes começaram a admitir o que deveriam ter admitido no início das dificuldades (1914-1920).

O reconhecimento do pastor Watson, contudo, é uma raríssima exceção. Ignorando os aspectos fundamentais do problema como um todo, as publicações adventistas que tratam dessa grande crise geralmente fogem do assunto. Um desses aspectos é que a minoria fiel foi excluída — fato que é normalmente ocultado.

Outra rara admissão da responsabilidade da igreja no tratamento dispensado aos objetores de consciência, encontra-se num livreto publicado pela Southern Publishing Association (Associação Publicadora do Sul), Nashville, Tennessee:

"Na verdade o movimento 'de reforma' ... nasceu na Alemanha durante a Guerra Mundial, enquanto [L. R.] Conradi era o líder da denominação Adventista do Sétimo Dia em toda a Europa. Aquele movimento, como é hoje e como tem sido desde que veio à existência, é praticamente a expressão de um protesto de grande número de adventistas do sétimo dia, não contra os ensinos da denominação, mas contra a ações arbitrárias de um homem, Conradi, e de alguns outros que estavam unidos a ele em sua liderança da igreja na Europa — ações que praticou sem consulta, permissão ou mesmo conhecimento da Conferência Geral. A saída desses crentes não proveio de uma 'batelada de erros grosseiros e de uma hierarquia dominadora', mas da liderança de Conradi que, sem ouvir-lhes a voz ou receber deles permissão,

mandou que fossem submetidos ao canhão e à baioneta no campo de batalha. Desde a hora em que ele tão sordidamente as traiu, perderam completamente a fé que tinham nele como homem, como ministro ou líder da igreja de Deus." — Walter H. Brown, *Brown Desmascara Ballenger*, pág. 30.

É verdade que Conradi e outros líderes da Europa traíram a confiança dessas "vítimas infelizes", conforme o pastor Brown admite em sua defesa escrita contra Ballenger. Mas o pastor Brown está grandemente equivocado ao dizer que Conradi agiu "sem consulta, permissão ou conhecimento da Conferência Geral", pois as evidências provam exatamente o contrário. Além disso, o pastor Brown não declara os fatos corretamente quando diz que houve um "protesto" e uma "saída". Ele deveria ter dito que houve um "protesto" e uma "exclusão".

Durante a Primeira Guerra Mundial, bem mais de dois mil não-combatentes foram expulsos da Igreja Adventista na Alemanha. Juntamente com os objetores de consciência de outros grupos religiosos, esses crentes fiéis foram submetidos à mais dura prova que os cristãos já foram chamados a suportar. Visto que a Alemanha não dispunha de uma provisão para acomodar esses heróis da fé, eles tiveram que enfrentar o pelotão de fuzilamento ou suportar os horrores da prisão.

Durante uma assembléia realizada na Iugoslávia, em 1933, o irmão Otto Welp apresentou o seguinte relatório, publicado por nossos irmãos iugoslavos:

"A sentença pronunciada contra os objetores de consciência era que, dentre os homens qualificados para o exército, um de cada dez devia ser executado. Depois, se os outros não cedessem, todo quinto homem seria morto, e finalmente cada segundo." Só Deus sabe, e o dia do juízo revelará, quantos adventistas não-combatentes foram realmente executados. Naquele tempo eles eram muitas vezes desprezados como covardes que temiam ir para a frente de batalha, embora hoje em dia sejam considerados heróis que se recusavam a tirar a vida humana e que não temiam morrer por suas convicções. Os que sobreviveram ao fuzilamento foram mantidos na prisão até o fim da guerra.

De igual modo, em outros países que tomaram parte na guerra, os adventistas fiéis passaram por grandes dificuldades.

Quando surgiram as hostilidades na Europa, os líderes da União Romena da Igreja ASD estimularam seus membros a tomar parte na guerra. Uma declaração publicada em 4 de agosto de 1914 por P. P. Paulini e G. Danila, respectivamente presidente e secretário da União, dizia:

"Os membros que foram convocados para prestar serviço militar não devem perder de vista o fato de que, em tempo de guerra, todos devem cumprir plenamente seus deveres. Em Josué 6, vemos que os filhos de Deus pegavam em armas e cumpriam seus deveres militares mesmo no dia de Sábado. ... Portanto, em reunião especial com nossos líderes, à qual compareceu grande número de crentes convocados para portar armas, chegamos à conclusão de que todos os membros devem cooperar com essa disposição."

A seguinte decisão foi posteriormente publicada num periódico denominacional da Romênia:

"Nós, a Conferência dos Adventistas do Sétimo Dia na Romênia, tornamos público o ponto de vista bíblico de que o serviço militar e o chamado para pegar em armas é um dever imposto pelo Estado, a quem Deus deu legítima autoridade, de acordo com 1 Pedro 2:13 e 14 e Romanos 13:4 e 5.

"A Comissão da Conferência Geral adotou essa mesma posição durante sua reunião de novembro de 1915. Portanto, os diversos países do mundo têm plena liberdade nessa questão para, a seu próprio modo, continuarem a enfrentar esses requisitos legais conforme têm feito até agora." —*Curierul Misionar*, 1916, nº 3, pág. 35.

A posição de combatência adotada pela liderança adventista causou muita confusão também na Romênia, onde os poucos fiéis que permaneceram em defesa da Lei de Deus foram muito maltratados pelos líderes, sofrendo não apenas crítica e difamação, mas também exclusão e perseguição. Delatados às autoridades, eles foram separados uns dos outros, aprisionados e torturados (só Deus sabe quantos morreram em tais circunstâncias), ao passo que os membros regulares, que seguiam as recomendações dos líderes da igreja, não enfrentaram problemas, porque estavam dispostos a fazer o que todos faziam. Os líderes explicaram a posição oficial da igreja nos seguintes termos:

"Houve casos em que os irmãos da Alemanha perguntaram: 'Que devemos fazer durante a guerra?' A resposta foi: 'Permanecei fiéis a Deus, mas fazei o que todos estão fazendo.' E o que aconteceu? Nos lugares onde os soldados conseguiam permissão para repousar no domingo e santificá-lo, nossos soldados se dirigiam a seus comandantes com a petição: 'Solicitamos que nos dêem os Sábados livres.' ... Mas onde nem se podia pensar em dias santos, teria sido uma atitude estranha da parte de nossos irmãos pedir permissão para guardar o Sábado." —*Curierul Misionar*, 1916, nº 3, pág. 37.

O que aconteceu em outros países europeus também ocorreu na Romênia. Alguns não-combatentes distinguiram-se como heróis. Gheorghe Panaitescu relata as seguintes experiências:

"Quando a Romênia entrou na guerra em 1916, três fiéis adventistas de um único regimento foram condenados a ser executados por um pelotão de fuzilamento porque se recusaram a servir como combatentes. Um deles foi chamado e ordenou-se-lhe que cavasse sua própria sepultura. Depois, estando ele à borda da cova, o comandante fez-lhe o seguinte apelo:

" 'Soldado, por causa de sua posição como objetor de consciência, você foi condenado ao fuzilamento. Antes, porém, de morrer, você terá uns breves momentos para meditar sobre o que vai fazer. Pense em sua família. Se você quiser escapar ao fuzilamento, tome sua arma e vá para a frente de batalha. Nem todos os soldados morrerão em combate. Muitos voltarão para seus lares e para o seio de sua família. Considere essas coisas rapidamente.'

"Aquele irmão respondeu que havia muito tempo já pensara sobre isso e que estava decidido a permanecer firme em sua posição, pois não podia agir contrariamente à sua consciência. Quando o comandante percebeu a que aquele irmão estava realmente decidido, disse-lhe:

" 'Siga-me!' E o conduziu para outro local.

"Ouviu-se um tiro disparado no ar, a cova foi enchida com terra e derramou-se um pouco de sangue de animal nos arredores.

"A seguir o comandante convocou o segundo irmão e lhe fez o mesmo apelo, acrescido desta advertência:

" ‘Veja, seu irmão está morto e enterrado nesta primeira cova em virtude de sua obstinação. Esta segunda cova está reservada para você, caso continue a mostrar a mesma atitude inflexível.’

"O segundo homem respondeu:

" ‘Se meu irmão permaneceu fiel a Cristo até a morte, eu também permanecerei fiel Àquele que nos ensinou a amar uns aos outros, porque não quero perder a coroa da vida.’

"Repetiu-se o mesmo procedimento. Outra vez disparou-se um tiro no ar, a cova foi coberta e algumas gotas de sangue derramadas no solo.

"Quando o terceiro irmão foi chamado, o comandante apontou-lhe as duas covas e lhe disse:

" ‘Eis onde jazem os corpos de seus dois irmãos. Eles perderam a vida por causa de sua obstinação. Mas você ainda tem uma chance para salvar sua vida. É fácil. Apanhe sua arma e cumpra seus deveres militares para não ser fuzilado. Depois que a guerra acabar, você poderá viver em paz e seguir, contente, a sua religião.’

"O terceiro homem começou a pensar. Durante algum tempo ficou hesitante. Finalmente declarou-se pronto a portar armas, ir para a frente de batalha e fazer tudo quanto os outros combatentes faziam. Então o comandante lhe disse:

"Devemos fuzilá-lo, porque você não é fiel a seu Deus como foram seus outros dois irmãos. Você é um hipócrita e um covarde. Se não serve a seu Deus, não podemos confiar em que servirá a nosso governo. Há de atirar no ar e, quando em perigo, dará vantagem ao inimigo. Seus dois irmãos, que mantiveram seu propósito de permanecer fiéis a Deus, sobreviveram; mas você será executado!

"Então ordenou que o pelotão de fuzilamento atirasse.

"Os dois sobreviventes, que não negaram sua fé, foram forçados a trabalhar nos campos e, ao fim da guerra, voltaram para seus lares. Foi então que a história toda se tornou conhecida entre os irmãos na Romênia."

Eis outro caso interessante, relatado pelo irmão Panaitescu. Por causa de suas convicções religiosas, que não lhe permitiam ser combatente, um fiel irmão adventista foi condenado à morte pela corte marcial. Virando-se de costas para sua sepultura, pediu permissão para fazer sua última oração nesta Terra. Ajoelhando-se, orou em voz alta implorando a Deus que fosse misericordioso para com seus algozes e perdoasse a todos quantos fossem responsáveis pela pena de morte que ia ser aplicada. Antes que ele concluísse sua oração, aconteceu que um oficial de alta patente passava por ali e perguntou o que estava acontecendo:

"Quem deu ordens para atirar nesse homem? E por que motivo?"

Em poucas palavras, os soldados explicaram o problema: O homem seria executado porque, sendo objetor de consciência, afirmava não poder quebrar a Lei de Deus; portanto, não podia portar armas ou fazer qualquer trabalho secular aos Sábados.

"Este homem não deve morrer", replicou o oficial. "Ele irá comigo para a corte marcial e eu o defenderei."

Em essência, o apelo que o oficial fez na corte, em defesa desse crente fiel, foi o seguinte:

"Temos aqui um homem diante de nós. Um homem que é consciencioso no cumprimento de seus deveres religiosos e que prefere morrer a quebrar os mandamentos de Deus, é um grande homem. Este é o tipo de homens de que a Romênia precisa, e nós não temos máquinas para fabricá-los em um só dia. Nem todos os homens competentes vão à frente de batalha. Muitas coisas precisam ser feitas em todo o país, longe da linha de fogo. Há homens que não nasceram para matar — homens que possuem convicções religiosas — homens que podem ser uma bênção para a humanidade em muitas outras ocupações. É para o melhor interesse do país que não eliminemos tais homens, mas lhes preservemos a vida."

Em alguns casos, Deus foi honrado em livrar Seus servos fiéis de maneira miraculosa; em outros casos Deus foi honrado em dar a Seus servos fiéis força e resignação para sofrer o martírio. Qualquer que tenha sido o caminho escolhido por Deus, Ele sabia o que estava fazendo. Que Seu nome seja honrado e glorificado!

Também na Rússia houve uma minoria de crentes adventistas que, por causa de suas convicções religiosas, se recusaram a tomar parte na guerra. Lemos num livro adventista:

"Algum tempo depois de iniciada a guerra, nossos líderes na Rússia souberam que o governo havia condenado cerca de setenta de nossos irmãos a trabalhos forçados, e acorrentados, durante o período de dois a dezesseis anos. Milhares de jovens de outras denominações sofreram condenações semelhantes. Mas o olhar amorável de Deus seguia esses cristãos sofredores. Ele via suas mãos algemadas, e ouvia seus clamores de angústia. Por isso lhes trouxe livramento de modo inesperado. Com a queda do velho regime, surgiu um novo e ... o novo governo expediu decretos concedendo anistia aos não-combatentes e isentando-os de pegar em armas." — Matilda Erickson Andross, *Story of the Advent Message* (A História da Mensagem do Advento), págs. 173 e 174.

Além desses setenta, deve ter havido outros adventistas fiéis cuja fé e coragem foram severamente provadas.

Um recém-convertido, cujo coração estava repleto do primeiro amor, mostrou heroísmo entre outros heróis da fé. Depois de liberado da prisão, ele contou sua história:

"Eu havia tentado explicar que era contra meus princípios religiosos portar armas, mas que estava disposto a servir meu país com toda a minha capacidade em outra situação. Entretanto, ninguém me deu ouvidos. Finalmente nossa companhia foi convocada, e nos alinhamos diante de um grande depósito de armamento. Recebemos ordens para apanharmos as armas de fogo. Havia uma para cada soldado. Todos se inclinaram em obediência à ordem. Somente eu permaneci de pé orando fervorosamente a fim de receber graça suficiente para aquele momento crucial.

"O comandante logo perguntou:

" 'Você não entendeu a ordem?'

"Depois que respondi afirmativamente, ele perguntou outra vez:

" 'Bem... e não é necessário obedecer ordens?' E irritado: 'Que nova idéia é essa?'

"Todos os olhos se fixaram em mim. Eu achei que devia responder, mas antes que eu começasse a falar, o oficial me deu ordens para apanhar a arma sem mais comentários.

" 'Não posso', respondi.

"Ele rapidamente sacou da espada e, colocando-se em posição ofensiva, disse furiosamente:

" 'Você conhece a lei.'

"Então, virando-se para o suboficial, disse:

" 'Vou matá-lo, pois devo ser obedecido.'

"Eu realmente esperava que num golpe fatal a espada do comandante me degolasse, embora de algum modo não tivesse no momento nenhum medo. Aquela espada erguida não me parecia nada mais que um pedaço de papel. Por alguns instantes ele se manteve naquela posição. Então como se tivesse ouvido uma ordem para embainhar a espada — não duvido que tenha sido uma ordem de verdade de nosso Pai celestial — ele abaixou a espada e ordenou a alguns soldados que me lançassem na prisão.

"Era fevereiro, e fazia muito frio. A prisão era um cárcere antigo e em ruínas. Despojaram-me de tudo, exceto de minha Bíblia e de um velho e puído cobertor, insuficiente para agasalhar-me completamente quando eu, deitado no gelado piso de chão batido, era açoitado pelas rajadas de vento que atravessavam as muitas frestas nas paredes. Apanhei um grave resfriado e comecei a tossir sangue. ... Fui liberado sem maiores indagações.

"Cinco ou seis dias depois, todos os soldados foram despertados à noite em suas barracas por um oficial. Esse trazia uma notificação de que eu devia comparecer perante um tribunal e ser julgado. ... Sabendo que, de acordo com a lei, minha sentença seria a morte ou prisão perpétua na Sibéria, senti que devia naquele momento dar um testemunho de meu Mestre. Quase toda noite os rapazes me pediam que eu lhes falasse. ...

"Certo dia apareceu um padre que queria, por todas as maneiras, dissuadir-me de meus pontos de vista. Quando viu que seria inútil continuar insistindo, ficou bastante zangado e, dirigindo-se aos soldados de minha tropa, disse-lhes:

" 'Filhos, não dêem ouvidos a este homem. Não falem com ele. Ele está leproso.'

"Isso, porém, só serviu para divertir os rapazes, que ficaram cada vez mais ávidos de me ouvir falar. ...

"Finalmente, fui levado a julgamento. A acusação que pesava contra mim foi lida, a saber, minha recusa em portar armas. ... Veio a sentença: 'Dezoito anos na Sibéria. Os dois primeiros em pesadas correntes. Os oito seguintes em trabalhos forçados e cerrado isolamento. Os oito restantes em serviço do governo.' Depois desses

dezoito anos eu poderia voltar, não para qualquer cidade, e deveria comparecer perante alguma autoridade policial toda semana. ...

"Fui imediatamente algemado e levado à prisão, enquanto esperava ser enviado à Sibéria. ... [Nesse meio tempo] fiquei em cela isolada com o mais pobre e escasso mantimento imaginável. ...

"Fiquei nessa prisão até 29 de abril de 1917, quando mudou o governo, com a queda do velho e despótico regime do czar. ... Sob essas novas circunstâncias, encontrei um querido irmão da mesma fé, também preso sob a mesma acusação. Passamos muitas horas felizes juntos em estudo da Bíblia e em oração. Quando nossos casos foram resolvidos, ele ficou livre e foi enviado para casa, e eu solicitei que continuasse no exército, mas sem realizar qualquer tarefa de combatência." — W. A. Spicer, *Providences of the Great War* (Providências da Grande Guerra), págs. 129-131.

Durante a Primeira Guerra Mundial, muitos adventistas passaram por provas e perseguições de outra natureza, não diretamente relacionadas com questões militares. E o Senhor muitas vezes mostrou Sua poderosa mão para salvar os fiéis, que punham sua confiança inteiramente nEle.

Um general russo, por exemplo, ameaçou banir todos os adventistas de uma cidade da Letônia e matar os que ousassem nela permanecer. Aconteceu que no exato dia em que ele havia marcado para levar a cabo sua decisão, foi destituído de seu cargo e recebeu ordens para apresentar-se no quartel-general. Naquele dia, que era um Sábado, os irmãos estavam jejuando e orando, e o Senhor frustrou os planos daquele ímpio general.

Em outro lugar da Rússia, certo juiz, com a ajuda do padre local, jurou que "não permitiria que nenhum adventista colocasse o pé no território" sob sua jurisdição. Mas estourou a revolução, e aquele ímpio juiz, acostumado a injustiçar o povo com suas atitudes arbitrárias, foi capturado pelo populacho e enforcado numa árvore.

Não sabemos quantos não-combatentes observadores do sábado havia na Grã-Bretanha quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial. Mas havia alguns. Certo adventista sincero, ao ser convocado para receber sua arma, declarou que não podia lutar.

— Não pode lutar? — estranhou o oficial. — O que você quer dizer com isso?

O soldado explicou seu ponto de vista em algumas breves palavras.

— Recusar-se a lutar contra o inimigo significa morte — disse o oficial do comando.

— Eu esperava que isso acontecesse — respondeu o reservista.

— Mas você será fuzilado — disse o oficial. — Não posso fazer mais nada a não ser ordenar que atirem em você.

— Sim — disse o jovem. — Eu sei que esse é seu dever como militar. Eu já esperava enfrentar isso. Mas, tendo Cristo como meu exemplo, não posso pegar em armas.

O oficial hesitou por um momento enquanto a batalha prosseguia violentamente. Então tomou providências para que esse irmão servisse como não-combatente, de

acordo com sua consciência religiosa. Estamos narrando somente o que aconteceu. Nem tudo o que esse soldado fez está de acordo com a nossa posição como Movimento.

Depois de um ano ou mais, o jovem obteve transferência de função. Tendo sido designado para dirigir um caminhão de munições, uma vez mais seus escrúpulos de consciência o colocaram em dificuldades quando declarou a seu comandante que não podia fazer isso.

— Não pode levar a munição até a frente de batalha? Que quer dizer com isso?

O soldado tornou a explicar suas convicções.

— Você será levado perante a corte marcial imediatamente.

— Sim — replicou ele — mas não posso fazer esse tipo de trabalho.

Somente depois de haver demonstrado coragem inflexível na defesa de suas convicções e na aceitação de suas conseqüências, deram-lhe uma ocupação alternativa. (Condensado do livro *Providences of the Great War*).

Outro jovem contou sua experiência da seguinte maneira:

"Eu estava sozinho no cais no meio de mais ou menos 900 homens desesperados, com guardas armados por todos os lados. Durante a manhã o comandante da guarnição apareceu em sua ronda e mandou buscar-me.

— Você deve trabalhar com este grupo até às seis horas da tarde — disse-me ele — sem essa idéia maluca de Sábado que você nos apresentou na semana passada.

— Desculpe-me, senhor — disse eu — mas, embora eu não queira ser um criador de casos, devo seguir minhas convicções.

O oficial vociferou:

— Olhe aqui! Se esses homens o virem recusando-se a trabalhar ao pôr-do-sol e se rebelarem, você será o responsável e estará sujeito a fuzilamento. ... Hoje você vai aprender a não se rebelar. Volte ao trabalho.

Nesse conflito desesperado, quando o soldado já começava a recuar interiormente, sentiu-se encorajado com o pensamento de que não estava sozinho nessas provações. Sabia que onze outros irmãos adventistas estavam na mesma fornalha da aflição. A constante oração foi sua principal fonte de força.

Quando a negra e solitária sexta-feira estava prestes a findar, ele disse a seu superior imediato:

— Desculpe; não posso mais trabalhar hoje.

Instantaneamente vários guardas o agarraram e o arrastaram para detrás de alguns sacos de aveia, longe da vista dos demais prisioneiros, e ali o espancaram. Depois o acorrentaram e o lançaram numa pequena cela.

"Um oficial veio ter comigo", continua ele, "e disse-me num tom um tanto conciliatório:

— Todos os seus companheiros recobraram o bom senso e estão neste momento trabalhando tranqüilamente. Lamento que você esteja tão desorientado a ponto de trazer sobre si este castigo. Por que não muda de parecer, e desiste dessa idéia impraticável de Sábado, como seus amigos o fizeram?

— Não posso ser infiel às minhas crenças, mesmo que os outros o sejam — repliquei.

"À medida que os passos do guarda se distanciavam, comecei a pensar no silêncio da solidão: Certamente todos os meus companheiros não poderiam ter falhado. Contudo, eu devia escutá-los se eles estivessem nas celas adjacentes. Depois de alguns minutos, assobiei suavemente dois compassos do hino 'O Senhor é minha luz, meu gozo, minha canção'. Nenhuma resposta. O desânimo começou a apoderar-se de mim. Assobiei o primeiro compasso do hino novamente, e um pouco mais alto. Subitamente o segundo compasso veio da cela adjacente. O cântico dos anjos não podia ter sido mais doce aos pastores do que foi para mim aquele hino assobiado a dizer-me que meus companheiros tinham pela graça de Deus suportado outra prova do Sábado e que estavam regozijando-se em Jesus." — Condensado do livro *Seventh-day Adventists in Time of War* (Os Adventistas do Sétimo Dia em Tempo de Guerra), de F. M. Wilcox.

Outros irmãos que também sofreram tratamento cruel em prisões contaram-nos suas experiências.

Visto haverem-se recusado a trabalhar no Sábado, foram impelidos como animais selvagens para as celas em meio a imprecações e estalar de chicotes. Ali foram imediatamente algemados. As algemas eram tão pequenas que lhes cortaram as carnes da parte superior das mãos. Depois o sargento debochou deles e esmurrou-lhes os corpos.

Esses jovens foram também submetidos ao que se chamava de "castigo de campo número um" ou "treinamento com pesos". Esse suplício consistia em ter dois pesos enormes sobre as costas e o tórax, com os quais se devia correr de um lugar para outro durante uma hora.

Um desses soldados, taxado como chefe do motim, foi tratado com tanta crueldade e violência que acabou desmaiando e espumando pela boca. Ele não morreu, como temiam que acontecesse, mas ficou em estado grave durante algum tempo.

Sexta-feira de manhã, alinharam-se todos perante o sargento principal, que lhes perguntou o que haviam decidido com relação ao Sábado que se aproximava. Quando disseram que era seu dever antes obedecer a Deus que a homens, guardando o dia santo do Senhor, foram mandados calmamente de volta para as celas. O castigo que receberam foi o isolamento solitário a pão e água, junto com um treinamento diário com peso durante sete dias.

No Sábado seguinte, visto se haverem esses soldados adventistas recusado a quebrar a Lei de Deus, receberam o mesmo tipo de castigo, o que se estendeu por duas semanas. Parecia-lhes que morrer na prisão era somente uma questão de tempo. Oravam ao Senhor continuamente a fim de que Ele lhes concedesse força para suportarem a prova.

Numa sexta-feira, no fim de um período de quatorze dias, um oficial da prisão foi comissionado a falar-lhes em separado. Ele disse a cada um que todos os outros haviam desistido, e sugeriu que cada um fizesse o mesmo. Essa foi a mais severa prova que lhes sobreveio numa ocasião em que se achavam fisicamente fracos pela

fome e pela exaustão. Mas Deus inspirou cada um deles com suficiente valor para replicar:

—Ainda que fique só eu, continuarei a obedecer a Deus em vez de ao homem. Também guardarei Seu santo Sábado.

Então um ou dois do grupo começou a assobiar um hino, e logo estavam todos assobiando, transmitindo entre si a certeza de que todos eram leais a Deus. Em resposta à oração, sua força era renovada dia a dia. —Condensado e adaptado do livro *Seventh-day Adventists in Times of War*.

Nesse país, os não-combatentes objetores de consciência receberam em geral, mas nem sempre, direitos de isenção por parte das autoridades militares. Quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, vários soldados adventistas foram submetidos a severas provas por causa de sua atitude como não-combatentes e observadores do sábado. Citamos:

"Houve várias ocasiões em que a própria existência de nossa obra foi ameaçada por aqueles que tinham autoridade militar, devido a interpretações errôneas e falsos rumores enviados à sede do governo. O departamento federal da justiça recebeu, nos seis primeiros meses da guerra, mais de dez mil queixas contra nós, contra nossa literatura e contra nossa obra.

"Muitos de nossos rapazes tiveram que sofrer terríveis maus tratos nas mãos de oficiais militares e soldados rasos por sua lealdade aos princípios religiosos. ... O Sábado foi a maior prova de todos os nossos jovens no exército. Mais de uma centena deles foram levados perante cortes marciais por recusar-se a prestar serviço militar no dia de Sábado. Mais de trinta foram condenados a cumprir pena de dez a quinze anos como prisioneiros militares em regime de trabalho forçado no Forte Leavenworth.

"Quando chegaram à Leavenworth, suas dificuldades tinham apenas começado. Os carcereiros se empenharam em obrigar nossos jovens a trabalhar no Sábado na tarefa ordinária de quebrar pedras. Naturalmente, eles não podiam fazer essa espécie de trabalho na prisão mais do que fora dela nos campos militares.

"Os carcereiros tentaram coagi-los pela imposição de terríveis castigos. Por recusarem-se a trabalhar no Sábado, esses jovens foram privados de sua ração diária, que foi substituída por água e algumas magras fatias de pão; aumentou-se a quantidade de pedra que deviam quebrar durante o dia, e à noite eram confinados em prisões subterrâneas, onde dormiam em camas que não passavam de tábuas de madeira rústica e grosseira, expostos à umidade e ao frio. Receberam esse castigo por duas semanas. Caso se recusassem segunda vez a trabalhar no Sábado, receberiam rações ainda menores e teriam as mãos algemadas pelas costas nas grades de sua cela num nível quase à altura dos ombros, sendo obrigados a permanecer nessa posição desconfortável nove horas por dia. Outros foram confinados durante meses em celas escuras e imundas, onde não podiam ficar de pé ou se deitar sem ser comprimidos pelo espaço exíguo do cubículo." — F. C. Gilbert, *Divine Predictions* (Predições Divinas), págs. 397-399.

Fizeram-se apelos ao senador W. G. Harding, que, posteriormente, se tornou o vigésimo nono presidente dos Estados Unidos e, por seu intermédio, aqueles prisioneiros militares adventistas foram liberados daqueles suplícios desumanos e isentados do trabalho no Sábado enquanto na prisão. Finalmente foram postos em liberdade condicional.

É gratificante saber que alguns fiéis cristãos, seguindo suas convicções pessoais, resolveram antes obedecer a Deus que a homens, e que estavam preparados para sofrer mesmo o martírio por amor a Cristo, se necessário. Não pomos objeção a esses crentes conscienciosos, embora não possamos concordar com eles em todos os pontos. Por outro lado, de acordo com as evidências inclusas neste texto, o leitor perceberá que a posição oficial adotada pela Igreja Adventista como coletividade difere completamente da posição independente adotada por aqueles adventistas sinceros como indivíduos. "1914-1918, A Grande Crise", capítulo 5 do livro *O Adventismo e a Reforma Profetizada*, de Alfons Balbach.

FINALMENTE!

Igreja Adventista Pede Perdão Por Apoiar o Nazismo

25 de agosto de 2005.

Igrejas Adventistas da Alemanha e Áustria Pedem Desculpas às Vítimas do Nazismo

Frauke Brauns

Bielefeld, Alemanha (ENI). Líderes de Igrejas Adventistas do Sétimo dia na Alemanha e Áustria, 60 anos depois do final da Segunda Guerra Mundial declararam que eles "lamentam" em profundo pesar pela participação ou apoio a atividades Nazistas.

"A declaração originalmente publicada antes de 8 de maio foi traduzida agora para o inglês e foi enviada às igrejas adventistas nos Estados Unidos", segundo Holger Teubert, porta-voz da igreja no sul da Alemanha, através de Notícias Ecumênicas Internacionais.

As igrejas adventistas no EUA enviaram cópias da declaração a Yad Vashem, a Autoridade de Recordação dos Heróis e Mártires do Holocausto em Israel.

Teubert afirmou que a declaração se desculpa a judeus alemães e a membros das igrejas adventistas de origem judaica que foram excluídos das congregações durante os 12 anos do regime Nazista, de 1933 a 1945. Comenta que seis milhões de judeus foram exterminados durante aquele período e milhões de outros também foram perseguidos.

A declaração indica que a igreja adventista de hoje "confessa isso honestamente que, por nossa falha, ficamos culpados perante o povo judeu, para com todas as pessoas perseguidas e todos que sofreram durante a guerra e também perante os Adventistas em outros países. Para isto nós humildemente perguntamos a Deus e aos sobreviventes se podem nos perdoar."

Teubert afirmou: "Nós compreendemos não ter nenhum direito de condenar nossos antepassados". Mas a declaração marca o fim de um processo longo dos Adventistas alemães que examina o que aconteceu durante a era do regime Nazista.

"Nós não seguimos suficientemente nossas fileiras que corajosamente ofereceram resistência e não se curvaram ao ditatorialismo Nazista, nem cooperaram com ele",

afirma a declaração. Tinha havido umas tentativas anteriores em fazer tais afirmações, principalmente por membros individuais da igreja e confissões anteriores feitas em 1988 no 50º aniversário de 9 novembro, "Kristallnacht" ou a "noite de vidro quebrado", de um massacre imoral organizado contra os judeus naquela noite em 1938 por toda a Alemanha e Áustria.

http://www.eni.ch/articles/display.shtml?05-0645

Europa: Igrejas da Alemanha e Áustria Pedem Desculpas Por Ações Durante Holocausto

Os adventistas do sétimo dia na Alemanha e Áustria recentemente pediram desculpas por qualquer participação nas atividades nazistas, ou em apoio a elas, durante a guerra. A foto é de um cartão de identidade de um adventista de origem judaica que foi eliminado do rol de membros da Igreja na Alemanha Max-Israel Munk, quando os nazistas deram ordem para se fazer tais exclusões. Após sobreviver a prisão em dois campos de concentração, Munk retornou para casa após a guerra e solicitou reintegração como membro, o que lhe foi concedido. [Foto: AdventEcho magazine, Germany]

August 16, 2005 Hannover, Germany .... [Mark A. Kellner/ANN Staff]

Em função do 60o. aniversário do fim da II Guerra Mundial, os líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia na Alemanha e Áustria emitiram uma declaração expressando que "lamentam profundamente" qualquer participação em atividades nazistas, ou em seu apoio, durante a guerra. As entidades da Igreja "honestamente confessam" a falha "em seguir a Nosso Senhor" por não protegerem os judeus, e outros, do genocídio daquela época, amplamente conhecida como o Holocausto. Milhões de pessoas pereceram de atrocidades da guerra, inclusive mais de seis milhões de judeus que foram exterminados em perseguições nazistas durante o período de 12 anos, entre 1933 e 1945.

A declaração foi inicialmente publicada na edição de maio de 2005 de "AdventEcho", uma revista denominacional em língua alemã, e também aparecerá em outras publicações alemãs, declarou o Pastor Günther Machel, presidente da Igreja Adventista alemã e um dos três signatários da declaração.

Uma cópia da declaração foi fornecida a Yad Vashem, autoridade do Memorial de Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto em Israel, acrescentou o Dr. Rolf Pöhler, ex-presidente da área eclesiástica do Norte Alemã, que atua presentemente como consultor teológico, e estava envolvido com a redação da declaração.

"Profundamente lamentamos que o caráter da ditadura Nacional Socialista não havia sido percebida em tempo e de modo suficientemente claro, e a natureza contrária a Deus da ideologia [nazista] não havia sido devidamente identificada", afirma a declaração. A Igreja declara que também lamenta "que em algumas de nossas publicações . . . se encontraram artigos glorificando Adolf Hitler e concordando com a ideologia do anti-semitismo numa forma que é incrível para a perspectiva atual".

Os dirigentes da Igreja também expressaram pesar de que "nossos povos se tornaram associados com o fanatismo racial destruidor de vidas e liberdade de 6 milhões de judeus e representantes de minorias por toda a Europa", e que "muitos adventistas do sétimo dia não compartilharam das necessidades e sofrimentos de seus concidadãos judaicos".

Motivo de extremo pesar, indica a declaração, foi que as congregações alemãs e austríacas adventistas "excluíram, alienaram e deixaram [membros da Igreja que eram] . . . de origem judaica entregues a sua própria sorte de modo que terminaram enfrentando prisão, exílio ou morte".

Sob vários decretos raciais, algumas congregações adventistas expulsaram membros de origem judaica. Um deles, Max-Israel Munk, foi colocado em dois campos de concentração pelos nazistas mas sobreviveu e retornou a sua igreja após a guerra. Ele disse que não desejava tratar a sua congregação do modo em que foi tratado, segundo o Dr. Daniel Heinz, um arquivista da Igreja da Universidade Friedensau que estudou as atividades adventistas durante a era do Nacional Socialismo.

Juntamente com o Pastor Machel, os outros líderes que assinaram a declaração foram os pastores Klaus-Jurgen van Treeck, presidente da Igreja para o Norte da Alemanha, e Herbert Brugger, presidente da Igreja Adventista na Áustria. Pöhler e Johannes Hartlapp, historiador da Igreja em Friedensau, redigiu o rascunho em que se baseou a declaração. Todas as três áreas geográficas denominacionais votaram aprovar o texto, esclareceu Pöhler.

Na declaração, os três asseguram que "a obediência que devemos às autoridades estatais não conduzem a renegar convicções e valores bíblicos". Eles disseram que embora somente Deus possa julgar as ações de gerações anteriores, "em nosso tempo, contudo, desejamos assumir uma decidida posição pelo direito e justiça--para com todas as pessoas".

Brugger, numa entrevista telefônica, disse que "os membros de nossa Igreja realmente apreciaram a publicação desse documento".

Ele indicou que foi algo que os membros mais jovens da Igreja "apreciaram muito". Nenhuma indicação de reação da comunidade judaica da Áustria havido sido recebida, mas Brugger disse que a Igreja Adventista não é tão bem conhecida na Áustria como o são outros movimentos.

Indagado como uma Igreja que considera a observância do sábado como uma de suas crenças centrais poderia se esquecer dos judeus observadores do sábado durante um tempo de perseguição, Brugger sugeriu que aquela era uma questão política, não teológica, considerações que podem ter levado à estratégia.

Durante a I Guerra Mundial, uma porção de adventistas alemães afastaram-se da denominação, opondo-se a qualquer serviço militar. Isso levou os nacionais socialistas em 1936 a proibir o chamado "Movimento da Reforma" durante o tempo em que estiveram no poder. Brugger declarou que a preocupação com o fechamento das igrejas adventistas oficiais todas pelos nazistas pode ter pesado sobre os líderes daquela era.

"Creio que durantes aqueles tempos a liderança oficial de nossa Igreja teve medo de perder o controle sobre a Igreja e perder a Igreja porque as autoridades políticas já haviam . . .

[confundido] nossa Igreja com o movimento de Reforma", ele explicou. "Creio que nossos líderes tiveram medo de perder o reconhecimento oficial de nossa Igreja, assim pode ser que não foram tão fiéis a nossas crenças como teria sido necessário".

E acrescentou: "Foi algo mais político do que teológico, tenho certeza".

A principal Igreja Adventista do Sétimo Dia na Alemanha foi também brevemente proibida sob o nazismo, observa Pöhler. Uma rápida reviravolta pelo regime levou a um alívio entre os adventistas, mas também a um nível de cooperação com o governo que não foi salutar.

"Não só mantivemos o silêncio, mas também publicamos coisas que nunca deveríamos ter publicado. Publicamos idéias anti-semíticas que, de nossa própria perspectiva, não eram realmente necessárias", declarou Pöhler numa entrevista telefônica. "Avançamos muitos passos a mais e publicamos coisas que realmente eram anti-semíticas. . . . Desviamo-nos de nosso caminho para mostrar lealdade ao governo [nacional socialista] da Alemanha.

"Tivemos que reconhecer que uma declaração errada, uma ação por uma pessoa poderia significar que findaria num campo de concentração" comentou Pöhler a respeito daquela era. Essa teria sido "a razão por que excluímos adventistas de origem judaica dentre nossos membros: se uma igreja local não tivesse feito isso, [os nazistas] teriam fechado a igreja, levado o ancião para a prisão e teria significado que a Igreja inteira seria proibida.

Embora alguns adventistas europeus hajam tomado medidas corajosas para proteger judeus, outros agiram desse modo por preocupação com suas famílias e congregações. Seria muito difícil alcançar uma pessoa de origem judaica, explicou Pöhler, mas arriscar as vidas dos membros de uma congregação era uma carga adicional. Tal precaução até se refletiu na nomenclatura usada pelos alemães adventistas", ele disse.

"Mudamos o nome de Escola Sabatina para 'Escola Bíblica'-- evitando o nome original "por causa de representar um risco", prosseguiu Pöhler. "Estávamos no perigo de sermos confundidos com os judeus. Ao recusarmos chamá-la de escola sabatina, estabelece-se uma pequena distância entre você e os judeus", aduziu.

O Dr. Daniel Heinz, diretor dos arquivos da denominação na Universidade Adventista de Friedensau, Alemanha, disse que sua pesquisa revelou casos de adventistas que ajudaram judeus durante a guerra, mas também conduziu à descoberta daqueles que agiram de forma menos honrável.

"Os líderes denominacionais se adaptaram e até adotaram algo da ideologia anti-semítica dos nazistas; em alguns casos, fizeram mais do que o necessário para agradar as autoridades [nazistas]. Isto é algo que realmente nos parece estranho", declarou Heinz.

Ao mesmo tempo, ele disse, "sei que muitos membros adventistas, pessoas comuns, ajudaram os judeus, mas nunca falaram a respeito".

Resistência às políticas nazistas, bem como a compassiva e brava resposta de muitos cristãos, entre eles adventistas do sétimo dia, para proteger vidas daqueles que estavam sob perseguição dos nazistas, têm sido documentada por toda a Europa, inclusive Polônia, Hungria, Holanda e Dinamarca, entre outros países.

"Encontro alguns relatos muito impressionantes de adventistas que ajudaram judeus no Terceiro Reich, arriscando suas vidas, e também encontro o oposto", declarou Heinz. Entre outros membros da Igreja, uma família adventista da Letônia acolheu um homem judeu, escondeu-o durante a guerra, e este sobreviveu. O refugiado tornou-se um crente adventista e um pastor da Igreja após o fim da guerra.

Segundo o Pastor Machel, "sessenta anos após a II Guerra Mundial é tarde--mas vemos isto como a última chance para uma declaração".

Tinha havido tentativas anteriores de fazer tais declarações, conquanto isso fosse em grande medida ignorado ou abafado por líderes eclesiásticos que haviam vivido na era nazista e desejavam evitar que a Igreja agisse como "juiz" daqueles que viveram antes. Contudo, em 1988, no 50o. aniversário da "Kristallnacht", ou noite dos vidros quebrados, em 9 de novembro, quando gangues inspiradas pelos nazistas espatifaram as vitrines de comerciantes judeus e violaram sinagogas, a então Igreja Adventista da Alemanha Oriental emitiu uma declaração em sua pequena revista. Em 1989, durante as celebrações do centenário da Igreja Adventista em Hamburgo, o Pastor Erwin Kilian, presidente da Igreja Adventista do norte da Alemanha, referiu-se àquele "negro período" em seu discurso e ofereceu um pedido de perdão de sua iniciativa. Uma breve declaração adicional foi feita em 1995, quando do 50o. aniversário do fim da guerra.

Os jovens adventistas reagiram positivamente às expressões de preocupação e contrição da declaração. Dois adventistas berlinenses disseram terem apreciado a declaração.

"Revelar humildemente nossos pecados e falhas é a coisa mais importante que Deus deseja que façamos", declarou Sara Gehler, de 25 anos. "E embora 60 anos se tenham passado, penso ter sido necessário que nós, adventistas do sétimo dia, tomemos uma posição quanto à Segunda Guerra Mundial", aduziu ela. "É nosso dever como cristãos proteger e ajudar aqueles que são fracos, desajudados e em necessidade".

Julian Müller, de 26 anos, acrescentou: "Penso ser nossa responsabilidade como Igreja confessar nossos erros e não ocultá-los, especialmente quando vidas humanas estão em jogo. . . . Minha esperança é que pelos erros e falhas de nossa igreja, que se passaram desde então, não se esperemos outros 60 anos para adquirirmos coragem de pedir perdão".

A reação de membros da Igreja na região sul da Alemanha, que inclui cidades como Munique e Nurembergue, onde os nacionais socialistas adquiriram grande força, foi "muito positiva", disse o Pastor Machel. "Alguns haviam realmente esperado por tal medida da parte da liderança denominacional".

A declaração foi também muito bem acolhida em muitas igrejas adventistas internacionalmente. "Estava esperando por um texto como esse por muito tempo", declarou o Pastor Richard Elofer, que lidera a obra adventista em Israel. "Eu louvo ao Senhor por tocar os corações de nosso povo na Alemanha e Áustria para produzirem tal declaração".

E o Dr. John Graz, diretor de Relações Públicas e Liberdade Religiosa para a sede mundial denominacional: "Para aqueles que crêem no amor de Deus para todo membro da família humana, contra qualquer tipo de discriminação tendo por base raça, religião ou gênero, essa declaração, escrita por uma geração que não teve qualquer responsabilidade no Holocausto e na guerra, mas endossa a responsabilidade de seus pais, permanecerá como um marco positivo e grande incentivo".

Fontes: http://news.adventist.org/data/2005/07/1124218053/index.html.pt ou http://news.adventist.org/data/2005/07/1124218053/index.html.en